

UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA

ESTUDO FONÉTICO-FONOLÓGICO CONTRASTIVO

ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA FALADA

NO BRASIL E A LÍNGUA ESPANHOLA

MACEIÓ/AL

2009

ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA

ESTUDO FONÉTICO-FONOLÓGICO CONTRASTIVO

ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA FALADA

NO BRASIL E A LÍNGUA ESPANHOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob orientação da Dr. Januacele Francisca da Costa.

MACEIÓ/AL

2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- O48e Oliveira, Aline Vieira Bezerra Higino de.
Estudo fonético-fenológico contrastivo entre a língua portuguesa falada no Brasil e a língua espanhola / Aline Vieira Bezerra Higino de Oliveira, 2009.
101 f.
- Orientadora: Januacele Francisca da Costa.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 99-101.
1. Língua portuguesa – Fonologia. 2. Língua espanhola – Fonologia.
3. Fonética. 4. Análise contrastiva. I. Título.

CDU: 801.4

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

TERMO DE APROVAÇÃO
ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA

Título do trabalho: ESTUDO FONÉTICO-FONOLÓGICO CONTRASTIVO
ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA FALADA NO BRASIL E A LÍNGUA
ESPAÑHOLA.

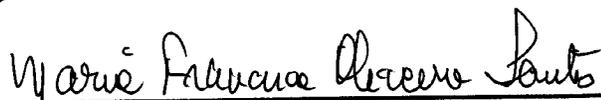
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de
MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca
examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (orientadora)(PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/UFAL)



Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza (UFPE)

Maceió, 26 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela companhia incondicional em todos os momentos de minha vida.

Agradeço a meus pais, pelo exemplo de luta diária.

Agradeço a meus irmãos Catarina e Messias pela força e paciência ao me escutar.

Agradeço ao meu marido Vicente pelo incentivo constante.

Agradeço aos meus filhos por suportarem a ausência da mãe.

A todos os meus amigos do PPGLL pelo carinho inestimável.

Agradeço aos professores, Eliane Barbosa, Alberto Miranda e Francisca Santos pelos ensinamentos.

Agradeço a minha orientadora Januacele, pelo carisma, doçura e humildade ao ensinar.

Agradeço ao PPGLL, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

RESUMO

O fomento à entrada do ensino de espanhol, em nível nacional, na rede pública e privada trouxe à tona vários estudos contrastivos entre a Língua Portuguesa falada no Brasil e a Língua Espanhola. Uma das questões observadas nesta pesquisa é a interferência da língua materna (LM) na aprendizagem da língua estrangeira (LE) no nível fonético-fonológico, considerando que, um estudo fonético-fonológico contrastivo entre os idiomas estudados pode diminuir a fossilização dos erros. Esta pesquisa destina-se a estabelecer as diferenças fonético-fonológicas mais problemáticas para o aprendiz de espanhol falante de Português brasileiro através de um esboço contrastivo dos fonemas consonantais e vocálicos entre estes sistemas linguísticos. Compreendemos uma revisão da literatura sobre o processo histórico da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola, elaboramos de um esboço contrastivo dos dois sistemas em questão, explicitando semelhanças e diferenças tanto no nível fonético quanto no nível fonológico e através dos quadros contrastivos entre fonemas, sons e representação gráfica. Utilizamos como base teórica a análise contrastiva, Vandresen (1988) e Durão (2004), as descrições de Português de acordo com Mattoso Câmara (1997) e Cristóvão Silva, (1999) e do Espanhol conforme Llorach (1981) e Navarro Tomás (1989). Concluimos que o ensino-aprendizagem de Língua Espanhola (LE) para brasileiros deve levar em consideração o sistema fonético-fonológico da língua Espanhola em comparação com o sistema fonético-fonológico da Língua Portuguesa falada no Brasil por meio de uma análise contrastiva, pois acreditamos que este estudo pode contribuir para o esclarecimento das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros da Língua Espanhola.

Palavras-chave: fonética-fonologia, análise contrastiva, português, espanhol.

RESUMEN

El fomento a la entrada de la enseñanza del español, en nivel nacional, en la red pública y privada trajo varios estudios contrastivos entre la Lengua Portuguesa hablada en Brasil y la Lengua Española. Una de las cuestiones observadas en esta investigación es la interferencia de la lengua materna (LM) en el aprendizaje de la lengua extranjera (LE) en el nivel fonético-fonológico, considerando que, un estudio fonético-fonológico contrastivo entre los idiomas estudiados puede disminuir la fosilización de los errores. Esta investigación se destina a establecer las diferencias fonético-fonológicas más problemáticas para el aprendiz de español hablante de portugués brasileño a través de un esbozo contrastivo de los fonemas consonánticos y vocálicos entre estos sistemas lingüísticos. Comprendemos un repaso de la literatura sobre del proceso histórico de la Lengua Portuguesa y de la Lengua Española, estudio sobre la línea del análisis contrastivo, elaboración de un esbozo contrastivo de los dos sistemas en cuestión, explicitando semejanzas y diferencias tanto en el nivel fonético, cuanto en el nivel fonológico, a través de los cuadros contrastivos entre fonemas, sonidos y representación gráfica. Utilizamos como base teórica el análisis contrastivo, Vandresen (1988) y Durão (2004) y las descripciones del Portugués de acuerdo con Mattoso Câmara (1997) y Cristóvão Silva, (1999) y del Español conforme Llorach (1981) y Navarro Tomás (1989). La enseñanza-aprendizaje de la Lengua Española (LE) para brasileños debe llevar en consideración el sistema fonético-fonológico de la lengua Española en comparación con el sistema fonético-fonológico de la Lengua Portuguesa hablada en Brasil por medio de un análisis contrastivo, pues acreditamos que este estudio puede contribuir para el esclarecimiento de las dificultades presentadas por estudiantes brasileños de la Lengua Española.

Palabras - clave: fonética-fonología, análisis contrastivo, portugués, español.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I HISTÓRIA DE DUAS LÍNGUAS IRMÃS: PORTUGUÊS E ESPANHOL	13
1.1 A História e as Línguas.....	13
1.2 Origens das línguas românicas: latim, latim vulgar, português e espanhol	13
1.3 Língua latina.....	14
1.4 O Português Europeu.....	17
1.4.1 O Português no Brasil.....	19
1.5 Origens da Língua Espanhola.....	21
1.5.1 Espanhol medieval.....	21
1.5.2 Espanhol clássico.....	23
1.5.3 O espanhol moderno.....	27
CAPÍTULO II: A ANÁLISE CONTRASTIVA	29
2.1 Análise contrastiva.....	29
2.2 Análise contrastiva e o ensino de línguas próximas.....	30
2.3 A análise contrastiva e os estudos fonológicos.....	31
2.4 A análise contrastiva e o ensino-aprendizagem de espanhol a brasileiros.....	34
CAPÍTULO III: SISTEMAS DE SONS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL.....	37
3.1 A análise contrastiva de sistemas fonológicos	37
3.2 Análise contrastiva dos sistemas fonético-fonológicos do Português e do Espanhol..	39
3.2.1 Os sistemas consonantais.....	39
3.2.1.1 Consoantes oclusivas.....	40
3.2.1.2 Consoantes africadas.....	47
3.2.1.3 Consoantes fricativas	48
3.2.1.4 Consoantes nasais.....	54
3.2.1.5 Consoantes líquidas.....	57
3.2.2 Os sistemas vocálicos.....	61
CAPÍTULO VI: A RELAÇÃO ENTRE A FONOLOGIA E A ORTOGRAFIA DA	72
LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA ESPANHOLA.....	72
4.1 Fonologia e ortografia.....	72
4.2 Descrição contrastiva dos sistemas fonológicos e ortográficos do português e do	73
espanhol.....	73
4.2.1 Consoantes oclusivas	74
4.2.2 Consoantes africadas.....	79
4.2.3 Consoantes fricativas	81
4.2.4 Consoantes nasais.....	84
4.2.5 Consoantes líquidas.....	86
4.3.1 Os sistemas vocálicos da língua portuguesa e da língua espanhola.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

Os paradigmas hoje apresentados para o ensino de línguas estrangeiras sugerem a concepção de novas perspectivas que estimulem a aprendizagem. A busca de novas formas de resolução dos problemas revitaliza a relação professor-aluno-comunidade, propondo esclarecer com eficiência os mais diversos entraves através da dialética do conhecimento.

As inúmeras questões abordadas sobre o ensino de língua estrangeira fazem desta docência um espaço ímpar para as possíveis investigações, as quais ponderam sobre o sistema lingüístico e sua aquisição como língua estrangeira (LE), tendo como fim a aprendizagem fundamentada em amplitudes diversas. Dentre as questões mais frequentes, está sempre presente o ensino de Língua Espanhola para brasileiros como disciplina regular.

Essa questão específica é resultado de mutações sociais que vão além da simples introdução de uma disciplina na matriz curricular das escolas de todo o país. De modo geral, o processo que originou toda essa discussão acerca da inclusão do espanhol nos estabelecimentos de ensino de forma geral vem acompanhado de vertentes políticas e econômicas. Essas plataformas políticas promulgaram um acordo entre países latinos, o MERCOSUL, que significa mercado comum do sul, tratado feito entre a Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil no dia 26 de março de 1991. O tratado visa ao desenvolvimento econômico e social com igualdade por meio do livre comércio entre essas nações, a fim de possibilitar a integração e, conseqüentemente o fortalecimento da economia, da política e da sociedade desses estados partes da América Latina. Conforme está explicado no Portal Oficial do MERCOSUL (2009), esse tratado vem estabelecer o processo de fortalecimento de integração entre os países.

É em decorrência desse tratado que algumas políticas começaram a ser desenvolvidas, conforme os objetivos estabelecidos entre as nações. As possibilidades aumentaram e os acordos formalizados nesse compromisso de relevância internacional previam que o Brasil incentivasse o ensino de espanhol e os outros países compromissados ensinassem o português, haja vista a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola serem os idiomas oficiais do tratado firmado entre os países.

Socialmente, o Brasil e suas ligações com o MERCOSUL estabeleceram na esfera da América do Sul alguns processos unificadores, objetivando o crescimento dos países latino-americanos no campo econômico, social e político. Dessa forma, a via mais próxima para se instituir um engajamento nesse projeto foi a disseminação das línguas irmãs, Língua Portuguesa e Língua Espanhola, nos países que aceitaram este acordo, colaborando para a

divulgação da unificação mercadológica. Esse estímulo fez o ensino de espanhol prosperar aqui no Brasil a fim de concretizar as intenções propostas pelo MERCOSUL. As intenções políticas e econômicas contribuíram para que fossem desenvolvidas nos Estados posições linguísticas que alavancassem essa meta, proporcionando a criação de cursos em universidades para essa área específica.

O trabalho de divulgação desse acordo teve a colaboração dos países da América Latina em função da necessidade de rapidez em concretizar esse plano de união econômica e social. Tendo visível a amplitude dessa proposta, iniciou-se uma ação de estimulação à área de formação de professores de línguas estrangeiras para a adesão ao ensino de Língua Espanhola no Brasil e, conjuntamente nos países do MERCOSUL de língua espanhola, o ensino de Língua Portuguesa.

Em nível nacional, buscou-se encontrar formadores de profissionais de Língua Espanhola, sugerindo-se a formação de mais professores nas universidades para, assim, sucessivamente, expandir-se a quantidade de professores com esta habilitação. Esse processo ainda continua progressivamente nos Estados brasileiros, adquirindo cada vez mais força, pois as instituições públicas e particulares vêm aderindo significativamente.

Atualmente recebemos muito apoio do Ministério de Educação da Espanha para o desenvolvimento de ações pedagógicas de implantação do ensino de Espanhol na rede pública, como formação continuada, cursos de capacitação, bolsas de estudos para professores, etc. Além desse enfoque formador, existe a publicação de livros direcionados para o ensino de espanhol para brasileiros e a adesão política do Governo Espanhol a esse projeto de ensino da língua espanhola em nosso país.

Em relação ao nosso Estado, Alagoas, o ensino de línguas estrangeiras vem demonstrando um crescimento significativo na capital Maceió e cidades circunvizinhas. A inclusão da Língua Espanhola na grade curricular do ensino fundamental e médio aumentou consideravelmente a quantidade de professores com essa habilitação, sobretudo depois que foi sancionada a lei 11.161/2005, publicada em cinco de agosto de dois mil e cinco no Diário Oficial da União, que estabelece a obrigatoriedade da oferta do ensino de língua espanhola no ensino médio em escolas públicas e particulares em um prazo de cinco anos a partir da sua publicação.

Diante da implantação e da implementação dessa lei, a fiscalização das adversidades que surgiram ao longo desse processo forçou o docente a buscar outras formações, solicitando acompanhamento metodológico, estimulando a aquisição de bons livros didáticos e literários em Língua Espanhola nas instituições de ensino. O fomento à

entrada desse idioma, em nível nacional, na rede pública e privada, trouxe à tona vários estudos contrastivos entre espanhol e português, viabilizando a inserção da primeira nos currículos das escolas brasileiras, e reforçou a ideia de formação de professores (CACHERO-LASECA, 2008, p. 267). Para Durão (2004, p. 43), desde então, o ensino do idioma espanhol tem crescido significativamente no Brasil. Por isso, se justifica que os estudos linguísticos devem ter em conta a análise da língua materna e da língua estrangeira, identificando os pontos de contato entre essas línguas.

Com o intuito de refletir sobre alguns desses questionamentos, faremos um estudo contrastivo entre a Língua Espanhola e a Língua Portuguesa, enfocando questões no nível fonético-fonológico que perpassam o ensino-aprendizagem no processo de aquisição de segunda língua (L2 ou LE).

Os estudos contrastivos foram desenvolvidos na década de sessenta com a finalidade de evidenciar, através da comparação entre os sistemas linguísticos dados como língua materna e língua estrangeira, os pontos em que o aluno poderia ter dificuldades de aprendizagem da língua estrangeira (LE). Estudar semelhanças e diferenças existentes entre os sistemas linguísticos de duas línguas irmãs faz dos estudos contrastivos um amplo espaço para discussão e esclarecimentos desses fenômenos que diferem na sua construção e utilização, porque podem apontar as dificuldades que poderão ocorrer no processo ensino-aprendizagem.

O estudo contrastivo de idiomas geneticamente relacionados pode elucidar questões sobre o sistema fonético-fonológico de duas dadas línguas, ajudando na compreensão maior dos traços distintivos entre as duas línguas estudadas, diferenças na língua, mas também na compreensão dos traços que caracterizam a fala e que são importantes para o uso fluente da segunda língua ou LE.

Os estudos fonéticos e fonológicos são extremamente necessários ao ensino de língua estrangeira, haja vista funcionarem como um fio condutor para a competência oral e auditiva. A posse desse conhecimento auxilia o aprendiz no desenvolvimento dessas habilidades, pois o esclarecimento das estruturas fonológicas possibilita a diminuição da fossilização dos erros da interlíngua. Esclarecer para o alunado as semelhanças e as disparidades linguísticas e sociais do uso da língua materna em comparação com a língua estrangeira é função do professor ao instruir o corpo discente para a prática das quatro habilidades (compreensão oral e escrita, produção oral e escrita). É através do convívio e distinção das formas e usos das línguas que o aluno consegue estabelecer diferenças e se aproximar do falante nativo no desempenho da língua estudada.

Tendo como parâmetro essas semelhanças e não excluindo as suas diferenças, vemos com grande apreço o ensino-aprendizagem em nossas escolas de nível fundamental, médio e superior, refletindo, assim, os acordos políticos entre o Brasil e os países de língua espanhola, como também, a extrema simpatia dos brasileiros pelo ensino do espanhol. A língua espanhola, do mesmo modo que a língua portuguesa falada no Brasil, tem especificidades e peculiaridades na sua pronúncia que provocam a interferência da língua materna na língua estrangeira para um aprendiz de língua estrangeira (LE).

Observamos a presença de dificuldades no ensino-aprendizagem de Língua Espanhola em relação ao seu sistema fonético-fonológico em comparação com o do português falado no Brasil. Por meio desta observação, procuramos encontrar uma bibliografia concernente ao tema, evidenciando, assim, existirem poucas fontes de esclarecimento. Então, pudemos comprovar a carência de estudos que esclarecessem as dúvidas acerca de ambos os sistemas lingüísticos numa linha contrastiva. Em função da importância desse assunto para a docência de Língua Espanhola na atualidade, na escolha da melhor metodologia a ser utilizada nas escolas para esclarecer essas diferenças com base em uma explicação comparativa com nossa língua, vemos com coerência o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas versando sobre esse tema, haja vista sua relevância ao ensino como um todo.

Podemos dizer que o estudo dos sistemas fonético-fonológicos da LM e da LE é necessário, pois tem uma aplicação social, devido à entrada do espanhol no currículo do ensino médio brasileiro de acordo com a lei 11.161/2005, lei do espanhol. E, além disso, pode ter aplicação lingüística e pedagógica, quando analisa os sistemas e identifica as diferenças fonético-fonológicas entre os sistemas e, sobretudo, utiliza esses dados para esclarecer os pontos de maior dificuldade para os alunos brasileiros.

Buscar entender quais as diferenças fonético-fonológicas entre o sistema lingüístico do Português e o sistema lingüístico do Espanhol pode contribuir para uma maior compreensão das dificuldades na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira por falantes do Português, no Brasil. Por isso, entendemos que o ensino-aprendizagem de Língua Espanhola (LE) para brasileiros deve levar em consideração o sistema fonético-fonológico da Língua Espanhola em comparação com o sistema fonético-fonológico da Língua Portuguesa falada no Brasil por meio de uma análise contrastiva, pois acreditamos que esse estudo poder contribuir para o esclarecimento das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros da Língua Espanhola.

Feitas essas considerações, esta pesquisa tem como objetivo central estabelecer as diferenças fonético-fonológicas mais problemáticas para o aprendiz de Espanhol falante de

Português brasileiro através de um esboço contrastivo dos fonemas, consonantais e vocálicos, entre esses sistemas linguísticos, Observando o processo de interferência da fonologia da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira.

Portanto, por meio da elaboração de um esboço contrastivo dos dois sistemas em questão, explicitando semelhanças e diferenças tanto no nível fonético quanto no nível fonológico, identificamos onde ocorrem os principais encontros/desencontros entre o espanhol e o português, destacando as diferenças que se sobressaem na realização fonológica.

Inicialmente, foi feita a descrição da história dos dois idiomas, português e espanhol, traçando cronologicamente como se deu a evolução dessas línguas desde o latim até a atualidade. Posteriormente a esse panorama histórico, expusemos sobre a base teórica, a análise contrastiva, que apoia a construção dos quadros contrastivos entre as duas línguas. A composição do esboço contrastivo entre a língua espanhola e a língua portuguesa foi feita com base nas descrições de Cristóvão Silva (2001) e Mattoso Câmara Jr.(1997) para o português e Navarro Tomas (1989) e Alarcos Llorach (1981) para o espanhol. Na elaboração dos quadros contrastivos das duas línguas foi possível, desde o início, evidenciar os fonemas diferentes e posteriormente identificar as variações que exerciam a distinção na realização fonética. Essa interferência também ficou nítida na apreciação dos fonemas em relação com a ortografia, muitas vezes demonstrando como estão imbricados o som e a grafia.

A análise contrastiva fonológica entre o português e o espanhol veio confirmar que os fenômenos observados são decorrentes da interferência da língua portuguesa (LM) na produção de fonemas da língua estrangeira, no caso a língua espanhola, pois apontam para a substituição do fonema estrangeiro ou por realizações desses fonemas nativos na fala, evidenciando, assim, a coerência da inserção dos estudos contrastivos para as aulas de língua estrangeira.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata da história da língua portuguesa e da história da língua espanhola, ressaltando a evolução fonética de cada uma para os dias atuais, em virtude da necessidade de vislumbrarmos o percurso das transformações fonéticas ocorridas desde o latim até os dias atuais, refletindo inclusive sobre o status social e geográfico que estas línguas ocupam na esfera mundial.

No segundo capítulo, apresentamos a história da análise contrastiva e implicação para o ensino de língua estrangeira, demonstrando a sua importância para o estudo de línguas próximas como o espanhol e o português, sobretudo para a dissolução de problemas ocorridos neste ambiente educativo em questões de fonologia.

O esboço contrastivo foi feito no terceiro capítulo, no qual são descritas a língua portuguesa e a língua espanhola, apresentando-se e comparando-se os aspectos relevantes dos dois sistemas. A partir da observação dos dois sistemas, foi feito o esboço contrastivo das duas línguas estudadas com base nos métodos da análise contrastiva e nos conceitos de análise da teoria fonológica.

No quarto capítulo, foi feita a análise dos fonemas da língua portuguesa e da língua espanhola em relação com a ortografia destes idiomas, para poder identificar as possíveis dificuldades encontradas pelos alunos na escrita sob a interferência da fonologia.

CAPÍTULO I HISTÓRIA DE DUAS LÍNGUAS IRMÃS: PORTUGUÊS E ESPANHOL

1.1 A História e as Línguas

Para entendermos como essas línguas se entrecruzam tanto na atualidade como nos períodos anteriores, acreditamos ser necessário observar a trajetória histórica, a fim de confrontar a evolução dos dados idiomas até os dias atuais. Por esse motivo, é necessário traçar uma linha histórica das duas línguas, para evidenciar a sua relação de proximidade desde sua origem.

Para a realização de um encontro das duas línguas é importante perceber também os pontos que se entrecruzam entre elas desde os seus primórdios. E nesse caso específico, a relação entre as línguas estudadas é historicamente próxima, pois encontramos neste traçar cronológico o nascimento dessas línguas irmãs em um espaço geográfico semelhante.

Sabemos que essas línguas derivam do latim vulgar, pertencendo, portanto, à mesma família linguística. Partindo desse ponto, desenvolvemos a linha histórica que conduz os estudos contrastivos desta investigação. Vale salientar que essa exposição da história das línguas tratadas complementarmente a apreciação dos fatos ocorridos no ambiente educativo de ensino de língua estrangeira de espanhol para brasileiros. No entanto, não fazemos uma análise comparativa com os dados históricos e os atuais.

A relação de proximidade fica clara nesta análise histórica, como também, a evolução fonética ocorrida neste espaço de tempo, desde o nascimento das línguas até o estabelecimento de uma descrição formal dos sistemas linguísticos estudados, hoje em dia. A explanação sobre os fatos lingüísticos dos idiomas aqui enfocados, português e espanhol, visa demonstrar historicamente a relação de línguas geneticamente relacionadas, pois a proximidade entre elas é atualmente reflexo dos contrastes/dificuldades visivelmente observados em sala de aula de espanhol (LE) para brasileiros.

1.2 Origens das línguas românicas: latim, latim vulgar, português e espanhol

O latim clássico, através da dominação de Roma, expandiu-se para todos os povos conquistados. Dessa língua Latina falada nas classes populares, derivou-se o latim vulgar. Por meio da mistura com outros povos de diversas regiões, como também influenciado por vários fatores externos, transformou-se em idiomas diferentes. Lyons (1979) esclarece:

Agrupamos línguas em famílias pela sua descendência comum de uma língua mãe mais antiga, e chamamos de geneticamente relacionadas as línguas que podem ser identificadas como provenientes de uma língua ancestral comum: é o caso das línguas românicas que podem ser relacionadas dessa forma ao latim. (LYONS, 1979, p. 172).

A partir dessa mescla linguística, surgiram as línguas românicas ou neolatinas, embora algumas regiões não houvessem aceitado esta imposição, como os bascos. Podemos, então, citar várias línguas hoje que são exemplos desta herança, como português, espanhol, francês, catalão, italiano, rético, romeno, sardo, etc. Ainda de acordo com Lyons (1979), “Dizer que uma ou mais línguas pertencem á mesma família – que são relacionadas geneticamente – é dizer que elas são variantes divergentes, descendentes, de uma língua ancestral comum ou protolíngua”. (LYONS, 1979, p. 174).

São essas línguas românicas que hoje nos oferecem questionamentos, sobretudo no estudo disciplinar das escolas do ensino fundamental e médio, pois incluem francês e espanhol como disciplina regular. É no seio dessa origem que nascem divergências entre as línguas e são essas diferenças que necessitam da explicação de fatos linguísticos para legitimar a diversidade dos idiomas, frente aos seus contrastes, quando estudadas como línguas estrangeiras dentro de uma perspectiva analítica com a língua materna.

Ao se encontrar essa descendência e conseqüentemente as cisões, estabelecem-se observações sobre a variação linguística dentro da história, numa linha diacrônica. Assim, é observada a Língua Espanhola *versus* a Língua Portuguesa falada no Brasil, devido a sua similitude no nível fonético-fonológico.

É através da entrada dos romanos na Península Ibérica que iniciamos este percurso da língua latina, posteriormente língua espanhola e língua portuguesa. A trajetória das línguas nos conduz ao descobrimento das fontes originais, das causas das mutações e das transformações decorrentes do fator tempo. Nessa perspectiva, adentramos os fatos sociais, os câmbios geográficos, as políticas vigariantes entre os séculos e resgatamos a informação escondida nos meandros da história.

1.3 Língua latina

Um dos fatos históricos da segunda guerra púnica foi a chegada dos romanos por volta do ano 218 a.C. à Península Ibérica. A entrada dos romanos desencadeia a tomada da península após derrotarem os cartagineses, conquistando, então, toda a região. A conquista

resultou na adesão da população ao cristianismo, e na assimilação do latim, que foi rejeitado apenas pelo povo basco.

Fato decorrente da conquista é a divisão da península em duas províncias: Hispania Citerior, localizada na região nordeste, e Hispania Ulterior, localizada na região sudeste. No século 27 a.C, a Hispania Ulterior foi dividida por Augusto em duas províncias: a Bética, ao sul e ao norte do Guadiana, e a Lusitânia.

Ao norte do Douro, na parte da Lusitânia chamada Gallaecia, entre os séculos 7 e 2 a. C., é anexada a província tarraconense, chamada antigamente de hispania Citerior. Nesse período, existia uma divisão por províncias, e essas se subdividiam em circunscrições judiciárias, denominadas *conventus*. Os *conventus* de Lucus Augustus (Lugo), de Bracara (Braga), de Scalabis (Santarém) e de Pax Augusta (Beja) correspondem ao atual território da Galícia espanhola e de Portugal. Portanto, é desde essa época que começa a ser delimitada no Ocidente peninsular a área lingüística do que se tornará o galego e o português. Nesse momento histórico, a romanização se deu de forma mais ágil na parte Sul, opondo-se à parte norte. Na parte setentrional, na qual habitavam os gallaeci, permaneceram por mais tempo os costumes e seus elementos de identidade cultural.

Nos séculos V, VI e VII, ocorre a invasão dos germânicos, constituídos por vândalos, suevos e alanos, que entram ao sul dos Pirineus e posteriormente são acompanhados pelos visigodos. Conta-se que os Alanos foram dizimados rapidamente, seguidos pela saída dos vândalos para o território do norte da África. Empreende-se, então, a luta pelos territórios entre os suevos e os visigodos.

Os suevos implantam-se por um largo período, mesmo com as tentativas dos visigodos em reunificar a península em torno de si. A extensão do domínio suevo no século V era enorme, porém em 570 limitava-se apenas à Gallaecia e a dois bispados, sendo depois conquistado pelos visigodos.

Esse período é marcado por sua obscuridade em relação às lutas entre os povos, dizimando a união romana. É importante ressaltar que o latim permanece como língua escrita, mas quem realmente cresce e diversifica-se é o latim falado.

Após esse período nebuloso, já no ano de 711, ocorre a invasão dos muçumanos, que, em um período historicamente curto, conquistam a península ibérica. Os muçumanos eram constituídos por árabes e berberes do Maghreb, chamados de mouros, adeptos do islã como crença e falantes de árabe.

A reconquista cristã começa de forma gradativa, com a expulsão dos mouros para o sul. Porém até o ano 1000 os muçumanos da Espanha dominam essa região, ressaltando-se

o poderio do califado de Córdoba nestes domínios. No século XI inicia-se a retomada do território pelos cristãos, que marcam de forma ostensiva a sua presença. Ao que nos é pertinente contar, vemos a região de Coimbra reconquistada em 1064, Santarém e Lisboa em 1147, Évora em 1165 e Faro em 1249, nascendo, assim, o reino independente de Portugal. A retomada de Granada foi o passo último para a reconquista da península pelos reis católicos em 1492.

Podemos fazer uma avaliação primorosa da formação das três línguas peninsulares, o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste, a partir da invasão mulçumana e da reconquista. Essas línguas com nascimento no norte foram conduzidas ao Sul pela Reconquista, notando-se nas regiões setentrionais que a influência árabe não foi predominante, sendo superficial ao norte do Douro, correspondente à Galícia, extremo norte de Portugal. Vemos claramente que é nesta região, ao norte do Douro, que a língua galego-portuguesa é formada, surgindo em textos escritos no século XIII. São essas modificações linguísticas, que apareceram no século XIII, em textos escritos, quando a reconquista está em sua fase final, que iremos retratar, do latim ao galego-português.

Na região meridional, subsistia uma população cristã chamada de moçárabe, que quer dizer submetidos aos árabes, conhecida por uns falares hispano-românicos, formando uma cadeia contínua de dialetos variados. Esse processo de reconquista movimentou os povos. As terras retomadas dos mouros ficavam despovoadas, então os dominadores cristãos repovoavam esses terrenos com populações vindas do norte, e com eles o galego-português, avançando na parte central e meridional do território português. O repovoamento trouxe muitas populações, os moçárabes, os mulçumanos e junto a esses povos a evolução gradativa do galego-português para transformar-se em português.

No começo do século XIII, o reino de Portugal estava praticamente constituído, à medida que Afonso I (Afonso Henriques) tornara-se independente de seu primo Afonso VII, rei de Castela e de Leão, na batalha de Mamede (1128). Nesse ínterim, Portugal perde a posse da Galícia, que passa a pertencer definitivamente ao reino de Leão. Mesmo assim, Portugal continua se estendendo ao sul, anexando regiões dos mouros, até a retomada de Faro, estabelecendo fronteiras muito similares às atuais. O reino de Portugal vê-se transferido do Norte para o Sul, com sua sede em Lisboa.

A língua galego-portuguesa se difunde pelas regiões meridionais onde se falava os dialetos moçárabes. Da mesma maneira que o castelhano, o português teve suas origens em uma língua nascida no norte (o galego-português medieval) e foi levado ao sul pela

reconquista. Portanto, podemos dizer que a língua que predominava entre o começo do século XII e meados do século XIV é o galego-português originado ao norte.

Neste período, ressaltamos a presença do galego-português na poesia lírica peninsular em três compilações: Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana e Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Essas três compilações contêm três categorias de poesia, que são: cantigas de amigo, cantigas de amor e cantigas de escárnio e de mal dizer. Podemos afirmar que o lirismo dos trovadores dessa época tinha como obrigatoriedade a escrita em galego-português. Como também, vemos os documentos oficiais e particulares no século XIII completamente escritos em língua vulgar. Ao final desse período, aparecem textos escritos em prosa literária, como o Livro de Linhagens de D. Pedro, Conde de Barcelos, e a Crônica Geral de Espanha, de 1344.

A grafia na segunda metade do século XIII estabelece algumas tradições mais regulares e fonéticas que o português em alguns séculos posteriores. Já aparece o *ch* para a africada [tʃ], como em Sancho, chus, consoante diferente de [ʃ], à qual se aplica a grafia *x*. Outras mudanças aparecem nesse período, como as mudanças fonéticas e de vocabulário.

1.4 O Português Europeu

Quando se extingue a escola literária galego-portuguesa, as conseqüências da modificação do território de Portugal do norte para o sul se mostram mais evidentes, com a língua portuguesa instalada em Lisboa, capital do país, distanciando-se do galego por uma fronteira política. O rei movimentava-se entre Coimbra e Évora. É importante lembrar que algumas instituições são criadas, como os Mosteiros de Alcobaça e o de Santa Cruz e a Universidade de Coimbra, que é definitivamente instalada em 1537. É no eixo Lisboa-Coimbra que acontece a formação da língua portuguesa, conforme Teyssier (2007).

É, pois, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai constituir-se, longe da Galícia e das províncias setentrionais em que deitava raízes. É daí que partirão as inovações destinadas a permanecer, é aí onde se situará a norma. (TEYSSIER, 2007, p. 41).

Alguns elementos situam a evolução da língua portuguesa no transcorrer da história, como os descobrimentos e a expansão ultramarina, a história cultural e literária, as influências estrangeiras e a produção dos gramáticos, lexicógrafos e filólogos. Sobre o

navegar da língua portuguesa, Teyssier (2007) traça neste parágrafo os caminhos que levaram esse idioma a se espalhar por vários territórios políticos.

No século XIV, os portugueses descobrem os arquipélagos da Madeira e dos Açores, que começam a povoar em princípios do século seguinte. Em 1415, tomam Ceuta. Depois, descem pouco a pouco a costa da África. Em 1488, Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança. Em 1498, Vasco da Gama chega à Índia. Em 1500, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. Depois, os portugueses prosseguem até Malaca, às ilhas de Sonda, às Molucas, à China e o Japão. (TEYSSIER, 2007, p. 42).

Dentre esses movimentos, as obras literárias refletem a evolução da língua portuguesa através do desenvolvimento da prosa literária nos séculos XV e XVI, o renascimento, o italianismo, o humanismo, a censura inquisitorial, a educação feita pelos jesuítas, o neoclassicismo e a Arcádia, o liberalismo e o romantismo, o realismo e o naturalismo, etc.

No tocante às influências estrangeiras, devemos recordar do bilinguismo luso-espanhol, entre meados do século XV e fins do século XVII. O espanhol se apresentava a Portugal como segunda língua, pois representava sinônimo de cultura, refletindo os acertos políticos através de casamentos entre os reinos, sendo usado em textos literários sem nenhuma característica discriminatória, salvo casos de patriotismo de alguns escritores. Por outro lado, a influência francesa se faz presente no século XVIII, desempenhando o papel de segunda língua de cultura. Com relação ao francês, não podemos dizer que não se trata de bilinguismo, porque o francês é utilizado como uma via para o acesso à cultura exterior pelos portugueses.

Começam as publicações de obras sobre a língua, com o pioneirismo de Fernão de Oliveira com a gramática “Grammatica da Lingoagem Portuguesa” (1536), redação de diversos dicionários de português-latim e latim-português pelo primeiro lexicógrafo Jerónimo Cardoso, finalizando com o dicionário da Língua Portuguesa de António de Moraes Silva (1789). Deve-se a Francisco Adolfo Coelho (1847-1909) a introdução da filologia científica.

A obra literária ‘Crónica troiana’ marca a separação do galego do português no século XIV. A partir dessa obra em prosa, começa o isolamento do galego. No século XVI, o galego somente aparece na oralidade, sendo renegado o seu cultivo como língua literária. Nesse mesmo momento, surgem algumas diferenças dialetais no galego e invasões de hispanismo no seu vocabulário. Mesmo diante desses acontecimentos, o galego renasce nos séculos XIX e XX sendo explorado por escritores e filólogos para construir uma língua unificada. Esse galego moderno que se apresenta já tem construções morfológicas, sintáticas e fonéticas diferenciadas da língua portuguesa. Ainda há compreensão entre as duas línguas,

mas muda o olhar para o galego, sendo visto como arcaico e provincial, desviando-se para o polo contrário, antes definidor de normas literárias e no século XIX, como personagem do teatro popular, sendo acentuada sua rusticidade versus a urbanidade de Lisboa. Depois da separação do galego, o português ocupa praticamente o território nacional de Portugal continental, fazendo ressalvas a alguns pontos que sobreviveram com seus dialetos.

1.4.1 O Português no Brasil

O Brasil é um dos países que mais contribuiu para o português ter representação internacional. É um representante considerável, pois possui uma população de mais 180 milhões de habitantes falantes da língua portuguesa, segundo os dados do site oficial do Ministério do Planejamento, orçamento e gestão, sob a pesquisa do IBGE (2009). Essa População é recenseada e estimada, segundo as grandes regiões e as unidades da federação, no ano de 2007. A história do Brasil teve início no dia 22 de abril de 1500 com a chegada de Pedro Álvares Cabral às costas brasileiras, tomando posse no lugar do Rei D. Manuel de Portugal. No entanto, somente em 1532 começa a colonização portuguesa com a criação de 15 capitanias hereditárias.

O Brasil é formado, a princípio, por três raças: o índio, povo encontrado pelos portugueses na sua chegada ao território brasileiro, o negro, vindo da África escravizado, e os portugueses. Quanto à colonização, foi inicialmente feita pelo litoral, passando posteriormente, com a fundação de São Paulo, a adentrar o interior. O Brasil apresenta-se de forma rural durante quase todo o período colonial e sobre este momento histórico podemos fazer algumas observações sobre a exploração de minérios em Minas Gerais, a transposição da capital, de Salvador para o Rio de Janeiro, que revela uma colonização com funções administrativas, políticas e religiosas. O aspecto cultural e intelectual fica renegado a segundo plano, segundo Teyssier (2007, p. 97): “O Brasil não possui nenhuma universidade (os jovens brasileiros vão formar-se em Coimbra) nem tipografia. Esta é uma diferença fundamental que distingue a América portuguesa da América espanhola”.

No período da colonização a língua portuguesa européia é falada pelos colonos, mas apresentam mudanças nas suas realizações específicas no decorrer dos tempos. Os indígenas, mestiços e africanos aprendem o português, porém utilizam o Tupi¹, uma das línguas mais estudadas pelos jesuítas e outras línguas indígenas. Dessa mistura de línguas,

¹ Embora se fale muito da contribuição do Tupi para o português, o Tupi não é exatamente uma língua, mas uma família de línguas. A língua mais estudada e registrada pelos jesuítas ou o Tupi-nanhã, uma língua dessa família.

surge a chamada língua geral muito usada na colônia até o século XVIII. A partir da segunda metade do século XVIII, a língua geral entra em desuso, fruto da entrada dos portugueses ávidos pela descoberta de ouro e diamantes, o que contribuiu, para a decisão tomada pelo Marquês de Pombal em 3 de maio Marquês de 1757 no diretório que proibia os Estados do Pará e do Maranhão de falar a língua geral, obrigando os povos a falarem a língua portuguesa. Essa decisão foi estendida a todo o país no dia 17 de agosto de 1758. Os protetores das línguas indígenas, os jesuítas, foram também expulsos em 1759. Essa luta política e lingüística seria crucial para o enfraquecimento da língua geral, deixaria marcas históricas para o idioma tupi, restando-nos hoje algumas contribuições léxicas e muitos topônimos, a maioria das línguas Tupi.

No século XVIII, começam algumas reflexões sobre o português falado no Brasil com D. Jerónimo Contador de Argote, fazendo referência aos falares ultramarinos, exóticos ou arcaicos. Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*) revela o traço fonético do português falado no Brasil, ao não fazerem distinção entre as pretônicas abertas e as fechadas, e Jerónimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophia*, 1822) confirma o fato e diz “dizem *minino* (por menino), *mi deu* (por me deu) entre outros. (TEYSSIER, 2007, pág. 95).

A invasão de Portugal pela França obriga o príncipe regente a tornar-se rei, D. João VI, em 1816. Esse ato revoluciona a capital, agora Rio de Janeiro, desenvolvendo o processo de evolução cultural e material com a ajuda dos milhares de lusitanos recém-chegados. Em 1821, D. João retorna a Portugal.

A partir de 1822, com o Brasil independente, tudo que é próprio da terra é mais valorizado. As influências dos imigrantes franceses, italianos e alemães são bem acolhidas. Em 1850 o tráfico dos negros acaba, os imigrantes dão origem, junto com os índios, a um Brasil novo, misturado com a branquidão européia. Nasce a sociedade brasileira. Os centros urbanos comerciais, industriais encaminham-se para o centro-sul, convertendo-se em um país de dimensões continentais, no qual convivem megalópoles e regiões subdesenvolvidas, que imprime a nossa realidade linguística, língua portuguesa falada no Brasil.

Esta variedade do português advém de todas as regiões de Portugal, conforme expressa Teyssier (2007, p. 98): “O que sucedeu, de fato, foi que os colonos portugueses do Brasil elaboraram uma *Koiné* por eliminação de todos os traços *marcados* dos falares portugueses do Norte e por generalização das maneiras *não marcadas* do Centro-Sul.” Existe no Brasil uma grande diversidade geográfica, porém retratamos que é mais forte a diversidade sociocultural em vista da outra.

Há, desse ponto de vista, uma série de níveis no ‘brasileiro’: no ápice, a língua das pessoas cultas (com gradações entre um registro oficial estrito e um registro familiar livre); depois, a língua vulgar das camadas urbanas gradativamente menos instruídas, e, finalmente, os falares regionais e rurais. (TEYSSIER, 2007, pág. 98).

Em 1969, cria-se o “Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta, NURC, com o objetivo de determinar a norma brasileira. É importante observar que a realidade lingüística do Brasil ainda é um fato impreciso.

No tocante à fonética e à fonologia, vemos que o português somente se instala no Brasil no século XVI. Isso quer dizer que as evoluções fonéticas do português europeu, como eliminação de encontros vocálicos, manutenção da diferença entre /b/ e /v/, unificação do singular das palavras do tipo cão e leão e simplificação dos sistemas de sibilantes, já estavam definidas.

1.5 Origens da Língua Espanhola

Apresentamos a origem da língua espanhola dividindo em três momentos: espanhol medieval, espanhol clássico e espanhol moderno.

1.5.1 Espanhol medieval

Nos séculos XII e XIII, apresenta-se em expansão o castelhano, tornando-se representante das comunicações do cotidiano.

A história do castelhano, desde sua aparição nos textos iniciais dos ss. XII e XIII, mostra-se como uma contínua expansão. Em primeiro lugar, há uma expansão interna: o castelhano se converte na língua ‘própria’ de Castilha em todas suas manifestações escritas (literárias, jurídicas, científicas, etc.) ficando o latim restrito ao âmbito da liturgia e a certas atividades intelectuais (AGUILAR, 1997, p. 193).²³

Além das práticas comunicativas, está incluída a prática literária que expande a utilização do idioma, pois aborda a linguagem com nuances e abstrações. Essa é uma das faculdades que busca abrir a língua para outras possibilidades, acrescentando mais

² Todas as traduções deste trabalho foram feitas pela autora.

³ La historia del castellano, desde su aparición en los textos iniciales de los ss. XII y XIII, se nos muestra como una continua expansión. En primer lugar, hay una expansión interna: el castellano se convierte en la lengua ‘propia’ de Castilla en todas sus manifestaciones escritas (literarias, jurídicas, científicas, etc.), quedando el latín restringido al ámbito de la liturgia y a ciertas actividades intelectuales. (AGUILAR, 1997, p. 193).

flexibilidade expressiva. Configura-se, assim, a história lingüística do castelhano medieval, que internamente torna flexível a sintaxe e ao mesmo tempo encontra em territórios externos, mediante movimentos políticos de reconquista, a sugestão de se integrar às formas linguísticas de outros povos e ao mesmo tempo deixando abrir espaço para a sua língua.

Por volta do século XIII, o castelhano se tornou uma língua de cultura, língua oficial, convertendo-se na língua utilizada pelos órgãos do reinado, tendo como consequência o seu uso em textos jurídicos e normativos. A oficialidade ocorreu devido ao seu uso já popularizado, não partindo de uma vontade política regimentada e legal. De tal forma que a quantidade dos feitos da reconquista castelhana do século XIII criou a urgência de se estabelecer essa língua como instrumento que agrupava comunicativamente os povos conquistados estrangeiros. Ainda assim, a potência política Castilha necessitava de uma manifestação lingüística própria.

Percebemos a relevância da identidade do castelhano na produção dos textos épicos como *El Cantar de Mio Cid*, gênero desvinculado da tradição latina de épica culta, permitindo apenas o uso da língua vulgar. Outra produção literária que utilizou o castelhano como veículo de expressão foi a poesia ‘juglaresca’ religiosa, que era produção literária escrita, podendo ser recitada.

As traduções também foram instrumentos facilitadores para a transmissão do castelhano, pois assim este penetrava em ambientes que lhe permitiam a capacidade de expressar novos conteúdos. Podemos dizer que o castelhano foi o responsável pela intermediação de saberes da cultura árabe, resultando em traduções riquíssimas dos textos do século XIII. Podemos também dizer que a prosa histórica é outro referencial pragmático da nova língua castelhana.

O castelhano dos séculos XIV e XV teve contato com as novas tendências culturais européias, especialmente a italiana, fazendo surgir novos moldes de produção literária escritas em castelhano. Podemos fazer referência à literatura didática, originais ou traduções, a prosa histórica e, filha desta, as largas séries de feitos fictícios ou legendários e por fim a decadência da poesia épica, tão desenvolvida no século XIV. No século XV, estes tipos de literatura continuam sendo cultivados, às vezes com maior intensidade, outras com menor intensidade. Vale salientar que nesse período, entre as consagrações do castelhano na poesia lírica, podemos citar as obras de Jorge Manrique, literatura teatral com temas religiosos, e a excepcional obra de Fernando de Rojas, comédia humanística, *La Celestina*.

Verificamos que as produções literárias deste tempo vêm refletir a importância que o castelhano vem tomando na disseminação de cultura. no retrato histórico populacional

da época, através de exposições de cunho poético, espelha-se o quanto o castelhano impregna sua marca nas evoluções.

Na baixa Idade Média, o castelhano fortalece alguns processos iniciados em tempos anteriores, mudança de posição do acento para formar ditongo *reína* > *reina*, a manutenção da situação de variação de outros e anuncia alterações que somente se cumprirão no século de ouro. Vemos que ocorreram algumas mudanças fonéticas desta época do sistema consonantal durante este período, ou seja, segue a luta de variantes no caso de f- sibilante e palatais, a distinção entre a labial sonora oclusiva /b/ da fricativa sonora /v/ e certos grupos consonantais. Muitas dessas mudanças fonéticas serão somente firmadas com o período clássico para a configuração desses pontos conflituosos.

1.5.2 Espanhol clássico

A partir do século XVI, o castelhano se converte em língua espanhola, referência linguística do mundo moderno, própria de um estado unificado que se lança por outras fronteiras, incorporando as suas novas conquistas territoriais e a implantação da língua espanhola. Das línguas vulgares, o espanhol se destacou com a estruturação de uma gramática neste período. Estamos falando da “Gramática de la Lengua Castellana”, de Antonio de Nebrija, em 1492. Essa gramática foi um instrumento de incorporação dos povos conquistados à língua de seus novos senhores.

Durante a Idade Média, o nome Espanha havia designado em parte uma realidade geográfica, mas também evocava a consciência de unidade que havia por baixo dos distintos reinos peninsulares: nesse sentimento batia as vezes a recordação da Hispania romana ou da Monarquia visigótica, mas também a noção, embora vaga, da nova realidade comum que se ia criando através do longo e complexo processo de Reconquista (AGUILAR, 1997, p. 222).⁴

Da Espanha medieval, surgiram realidades diferenciadas, os estados desenvolveram organizações políticas próprias. Essa visão unitária e a diversificação das realidades têm influência na história posterior da Espanha. A união das coroas de Castilla e

⁴ Durante La Edad Media, el nombre *España* había designado en parte una realidad geográfica, pero también evocaba la conciencia de unidad que había bajo los distintos reinos peninsulares: en ese sentimiento latía a veces el recuerdo de la *Hispania* romana o de la Monarquía visigótica, pero también la noción, aún vaga, de la nueva realidad común que se iba creando a través del largo y complejo proceso de Reconquista. (AGUILAR, 1997, p. 222).

Aragón, em função de acordos políticos, não modificou a estruturação política desses povos, cada um agindo segundo sua organização. Porém, a unificação desses povos vê-se refletida na admissão da língua castelhana, sendo falada pelas classes cultas.

Nos séculos XVI e na primeira metade do século XVII, a Espanha emerge como grande potência na Europa, anexando vários territórios aos seus domínios e posicionando-se como representante para intervenções políticas na Europa. Essa situação durou até 1648, quando a Espanha perdeu muitas posses territoriais com o tratado de Westfalia, ficando relegada ao domínio da França. No entanto, a língua espanhola, devido a esse processo histórico e político, converteu-se em uma referência linguística e política na Europa, pois servia como um idioma de diplomacia em terras de amigos e inimigos do território hispano.

A expansão espanhola pelas terras do Atlântico proporcionou à língua espanhola a transcendência histórica, começando pela emancipação das Ilhas Canarias no final do século XIV. Este foi o primeiro passo para a conquista de novas terras. Em 1492, guiada por Cristóbal Colón, a esquadra espanhola chegou às Ilhas do Caribe, expandindo-se por outras expedições com a descoberta de novas terras, chamadas inicialmente de *Indias Occidentales*. Entre 1519 e 1540, ocorreu a conquista do continente, império azteca, império incaico, México, Lima, territórios do centro, Istmo de Panamá, Bogotá, Venezuela, Chile e Rio de la Plata.

A organização política, social e cultural de novos territórios foi um processo extraordinariamente complexo. Do ponto de vista lingüístico o conflito foi múltiplo: entre as línguas autóctones e o castelhano, entre os desejos de propagar este e os de manter os índios com suas próprias línguas (em geral, por motivações religiosas), se bem estendendo algumas delas (nahua, quechua, guaraní: as línguas gerais); por último, houve também conflito entre as várias formas de espanhol chegadas ao Novo Mundo (AGUILAR, 1997, p. 226).⁵

Muitas línguas indígenas desapareceram com seus povos, algumas cederam à hispanização. Algumas sociedades mais desenvolvidas lograram maior êxito na manutenção de sua língua materna. A política espanhola de cultivo das línguas indígenas oscilava entre a força e a imposição da língua espanhola frente à língua dos nativos e o incentivo por parte dos

⁵ La organización política, social y cultural de nuevos territorios fue un proceso extraordinariamente complejo. Desde el punto de vista lingüístico el conflicto fue múltiple: entre las lenguas autóctonas y el castellano, entre los deseos de propagar éste y los de mantener a los indígenas en sus propias lenguas (en general, por motivaciones religiosas), si bien extendiendo algunas de ellas (nahua, quechua, guaraní: las lenguas generales); por último, hubo también conflicto entre las varias formas de español llegadas al Nuevo Mundo. (AGUILAR, 1997, p. 226).

missionários para o cultivo das línguas maternas dos indígenas. A contribuição maior foi no campo léxico, tendo menor contágio os elementos fônicos e os morfológicos.

A diversidade da língua Espanhola levada pelos conquistadores refletia as variedades dialetais espanholas através dos portadores. A colonização dos povos da América foi constituída fortemente pela sociedade andaluza. Os povos conquistados receberam também em épocas posteriores a entrada de imigrantes espanhóis que assegurariam a variedade dialetal do espanhol ao Novo Mundo.

A base sobre a qual se realizou foi, no entanto, muito característica: ao longo de todo século XVI o núcleo majoritário de emigrantes estava constituído por andaluzes, mais de uns 30% (dos quais quase 80% eram do Reino de Sevilha, muitos da mesma cidade) seguidos por extremeños (16,5%), castelhanos velhos (14%) e leoneses (6,5%). Por outro lado de 1492 a 1508 a percentagem de andaluzes rondou os 60%; durante todo o século, mulheres e comerciantes vinham em sua grande maioria de Sevilha (AGUILAR, 1997, p. 226).⁶

A exposição da percentagem dos portadores da língua espanhola vem reafirmar a ideia de que a língua falada na América é resultado do conjunto de variantes existentes na Espanha. Segundo a afirmação de Miranda (2007, p. 39-40), podemos entender que a confluência das variedades dialetais regionais da Espanha resultou na formação das variações lingüísticas hispano-americanas.

A conclusão é clara: muitos ou a maior parte dos traços que hoje caracterizam ese subsistema (que não sistema independente ou autónomo, e ainda menos, diferente) que podemos virtualmente denominar como *Espanhol de América* já estava presente desde a época das origens da chegada do espanhol a América em diferentes modalidades regionais do castelhano ou espanhol (de Espanha) (MIRANDA, 2007, p. 39-40).⁷

A designação de español tardou a ser definida, passando desde a Idade Média por Afonso X, do nome comum de *romance*, para no século XVIII *romance castellano o de Casti(e)lla, lenguaje castellano o de Castiella* e ao final do século passam a usar *castellano*

⁶ La base sobre la que se realizó fue, sin embargo, muy característica: a lo largo de todo el XVI el núcleo mayoritario de emigrantes estaba constituido por andaluces, más de un 30% (de los que casi el 80% eran del Reino de Sevilla, muchos de la misma ciudad), seguidos por extremeños (16'5%), castellanos viejos (14%) y leoneses (6'5%). Por otro lado de 1492 a 1508 el porcentaje de andaluces rondó el 60%; durante todo el siglo, mujeres y comerciantes venían en su gran mayoría de Sevilla. (AGUILAR, 1997, p. 226)

⁷ La conclusión es clara: muchos o la mayor parte de los rasgos que hoy caracterizan ese subsistema (que no sistema independiente o autónomo, y aún menos, diferente) que podemos virtualmente denominar como *Español de América* ya estaba presente desde la época de los orígenes de la llegada del español a América en diferentes modalidades regionales del castellano o español (de España). (MIRANDA, 2007, p. 39-40)

para definir o idioma próprio do Reino de Castilla. Afonso X utiliza uma vez *espannol* e variadas vezes *lenguaje de España*. O nome espanhol começa a dominar no século XVI e começa a se tornar generalizado.

Essa forma de se referir ao idioma propunha uma ideia nova para a realidade nacional, pois manifestava o anseio de inovar, iria além dos limites estabelecidos, pois preenchia a ambição de ultrapassar fronteiras. Nessa palavra “espanhol” era adotada uma identidade nacional, o idioma de todos os espanhóis, por este motivo as gramáticas e dicionários sempre fazem referência ao espanhol, diferentemente de castelhano, sobretudo porque os espanhóis tinham restrições ao termo antigo que somente refletia uma parte da Espanha. Assim sendo, todos se reconheciam como parte de um mesmo grupo, de um mesmo povo, tanto os do antigo reino, andaluzes, leoneses, como os novos espanhóis, aragoneses, valencianos, navarros, etc. Ao utilizar espanhol se agrupava os povos através de uma identidade única, como também, era a língua através da qual todos poderiam se comunicar sem problemas de compreensão. Contudo, ainda assim, restou a ideia que ao falar de castelhano, estava-se referindo ao idioma puro, notadamente orgulho dos seus natalícios.

Nessa época, havia uma disputa para definir a norma sobre a qual deveria configurar o ideal da língua espanhola: o primeiro, o cortesão e o segundo, o literário. O ideal cortesão primava pelo uso superior das castas aristocráticas, que mantinham o refinamento ao falar, os modos sociais refinados e o domínio adequado do idioma. Podemos dizer que este era o preferido de Cervantes. O segundo ideal primava pela ausência de conotação localista, no qual todos estariam inseridos, pois a literatura propunha uma riqueza na escrita que deixava de lado os manifestos de puritanismos linguísticos do povo de Toledo. Foi a gramática de Nebrija que disseminou os estudos sobre o español. “Ao elevar assim o espanhol a dignidade própria do grego ou do latim, Nebrija freio ou a invasão desmesurada dos latinismos, própria dos anos anteriores: o castelhano devia aperfeiçoasse pelo latim, mas tinha também sua própria identidade e em ás vezes superava as mesmas clássicas (AGUILAR, 1997, p.230).”⁸

É interessante perceber que a partir das publicações de Nebrija, ocorrem outros estudos linguísticos publicados, seguindo o modelo proposto por ele, e muitas mostram direções pedagógicas claras de ensino de espanhol para estrangeiros.

⁸ Al elevar así al español a la dignidad propia del griego o el latín, Nebrija frenó la invasión desmesurada de latinismos, propia de los años anteriores: el castellano debía perfeccionarse por el latín, pero tenía también su propia entidad, y en ocasiones superaba a las mismas clásicas. (AGUILAR, 1997, p.230).

A constituição do espanhol moderno vigorou nos séculos XVI e XVII, porque as mudanças anteriores vão se consumir nesse momento histórico, ocorrendo um processo de estabilização de alto grau. Muito se deve aos gramáticos, com sua atuação fervorosa na produção dos estudos linguísticos e no desenvolvimento da língua literária, com posterior culminância da presença da Academia.

Mas nem tudo foi unidade: muitas das vacilações desterradas da língua culta sobreviveram (algumas ainda o fazem na fala cotidiana ou rústica. E o cumprimento de certas mudanças fônicas originou a divisão dialetal mais importante do espanhol moderno, entre as formas centro-peninsulares” convertidas em normativas” já então, e o chamado *espanhol atlântico* (andaluz, canário, americano) AGUILAR, 1997, 237).⁹

A partir desse momento histórico, já compreendemos a divisão dialetal mais relevante do espanhol moderno.

1.5.3 O espanhol moderno

Com a chegada do século XVIII, podemos concluir que o espanhol chegou a seu grau de estabilidade, do ponto de vista da padronização, fechando todos os ciclos de mudanças dentro desse processo histórico de constituição de uma língua. Essa estabilização propunha uma visão de idioma proposto a firmar-se nas terras conquistadas, principalmente no continente americano. Podemos também afirmar, dentro do processo de normatização, que não houve alterações fundamentais nos campos fônico, morfossintático e lexical.

O perigo da perda da unidade do sistema linguístico espanhol fez parte desse processo histórico, pois se procurava enfrentar o bilinguismo com as demais línguas românicas da península e pré-hispânicas da América. Devem-se somar aos diversos enfrentamentos anteriores as variedades sociais e geográficas e também estilísticas. A norma acadêmica serviu como freio das variações e dispersões.

La academia combinou, desde seus inícios, o prurido etimológico e a atenção aos usos fônicos habituais na hora de decretar a ortografia das palavras. Foi moderadamente purista na seleção do léxico (em especial no XVIII), mas não mostrou rejeição em direção as vozes de procedência ou uso regional nem excluiu por principio as inovações ou estrangeirismos, tampouco pode se falar de centralismo, ou ‘madrileñismo’, ao ir determinar usos aceitáveis, muito mais, baseou

⁹ Pero no todo fue unidad: muchas de las vacilaciones desterradas de la lengua culta pervivieron (algunas aún lo hacen) en el habla vulgar o rústica. Y el cumplimiento de ciertos cambios fónicos originó la división dialectal más importante del español moderno, entre las formas centropeninsulares, “convertidas en normativas” ya entonces, y el llamado *español atlántico* (andaluz, canario, americano). (AGUILAR, 1997, 237).

a correção na língua literária mais comum e elevada (AGUILAR, 1997, p. 256-257).¹⁰

Vale lembrar que a Academia permaneceu com a denominação oficial de ‘Castellano’ até o ano de 1924. Da mesma forma, desenvolveu um trabalho diplomático com as academias dos povos conquistados que produziu boas relações para a manutenção e consolidação da unidade do idioma culto. Os estudos linguísticos e gramaticais continuaram a prosperar no século XVIII, preocupando-se principalmente com a origem da língua.

No século XIX, ocorreram produções gramaticais de excelente qualidade e com objetivo claro de fixação da norma do idioma. Uma das produções mais valiosas foi a ‘Gramática Española Destinada al Uso de los Americanos’ escrita pelo venezuelano Andrés Bello, representando um marco histórico, social e político, no momento de independência das Américas.

A língua literária, por sua instabilidade no estabelecimento da norma diante dos ideais de estilo, dificultou a definição do modelo de expressão a ser seguido pelos falantes. Portanto, uma vez definida a estrutura do idioma no século XVI e XVII, poucas modificações foram feitas, restringindo-se a ortografia e a variações no léxico quanto a elementos de origem estrangeira.

As mudanças fonéticas de maior expressividade e expansão foram o yeísmo, muito usado em ambientes urbanos e nos dialetos juvenis; o desaparecimento do /d/ intervocálico. Ao contrário, o seseo ou a aspiração e perda do /s/ continuaram em suas zonas de origem. Os grupos consonantais abriram espaço para as assimilações ou vocalizações.

Toda essa trajetória traçada pela história da língua latina, portuguesa e espanhola, corrobora com a idéia de que a ligação entre as línguas românicas justifica os estudos contrastivos, pois é a partir da análise dos entrelaçamentos existentes no decorrer das transições dos sistemas linguísticos e que encontramos similitudes e quebras de seqüência de processos fonológicos, sobretudo quando os dois idiomas são objeto de estudo para alunos estrangeiros, especificamente brasileiros e espanhóis.

¹⁰ La Academia combino, desde sus inicios, el prurito etimológico y la atención a los usos fónicos habituales a la hora de decretar la ortografía de las palabras. Fue moderadamente purista en la selección del léxico (en especial en le XVIII), pero no mostró rechazo hacia las voces de procedencia o uso regional ni excluyó por principio las innovaciones o los extranjerismos, tampoco puede hablarse de centralismo, o “madrileñismo”, al ir determinar usos aceptables; más bien, basó la corrección en la lengua literaria más común y elevada. (AGUILAR, 1997, p. 256-257).

CAPÍTULO II: A ANÁLISE CONTRASTIVA

2.1 Análise contrastiva

O ensino e aprendizagem de línguas geneticamente relacionadas geram discussões muito abrangentes, buscando solucionar muitos dos problemas gerados por essa proximidade. Em consequência desses questionamentos, os teóricos tentam formular algumas idéias para diminuir as dificuldades encontradas pelos alunos no processo educativo.

Alguns dos obstáculos encontrados no ensino de línguas estrangeiras são observados no confronto entre língua materna (LM) e língua estrangeira (LE), os quais são gerados a partir do encontro/desencontro de informações entre elas, provocando uma transferência do sistema lingüístico da língua materna para a aprendizagem da língua estrangeira estudada.

A inserção de dados da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira vem sendo discutida amplamente, dando impulso aos estudos contrastivos que, através da análise dos idiomas em questão, se propõem a identificar os pontos similares e os distintos entre ambos a fim de facilitar a aquisição que nos induzem a uma observação de LE.

Um dos pontos onde se busca com mais clareza similaridades neste ensino está na fonologia. Não raras vezes, percebemos nas tentativas de fala dos alunos em língua estrangeira marcas visíveis do sistema fonológico da LM. Essas transferências atravessam os atos comunicativos causando problemas de compreensão de fala e de sentido, tanto para o enunciador quanto para quem recebe a mensagem.

É nesse âmbito que refletimos sobre a aprendizagem da língua espanhola por estudantes brasileiros, pois, por serem duas línguas próximas, apresentam pontos convergentes e divergentes na realização de fonemas e assim sendo ocasionam muitas dúvidas no alunado. A percepção desse entrave nos sugere a busca por orientações teóricas que nos levem a uma prática docente condizente com a realidade, não uma realidade ideal, mas uma pedagogia que indique formas de esclarecimento dos dados fonológicos entre o espanhol e o português, sem perder de vista suas diferenças culturais, sociais e políticas.

Com a finalidade de aclarar esses impasses encontrados no ensino e aprendizagem de línguas próximas, faremos uma exposição sobre a análise contrastiva e seus pressupostos para o ensino de língua estrangeira, enfocando os estudos fonológicos entre as línguas próximas, espanhol e português.

2.2 Análise contrastiva e o ensino de línguas próximas

O ensino de línguas estrangeiras irmãs ou geneticamente relacionadas tem suas peculiaridades, e entre elas encontramos a interferência da língua materna (LM) no processo de aprendizagem da língua estrangeira (LE). Esta situação ocorre quando o aprendiz produz erros¹¹ na língua estrangeira estudada em decorrência da influência da língua materna. Esses erros ou desvios podem ocorrer no campo fonológico, sintático, morfológico, semântico e léxico, porque o indivíduo tende a transportar as informações do sistema linguístico de sua língua materna para a aquisição da língua estrangeira, provocando uma confluência de dados de ambos os idiomas.

Acreditamos ser esse um processo que necessita de uma elucidação maior, pois deve levar o aluno a entender as estruturas de dadas línguas, comparativamente. Essa comparação promoverá uma observação dos sistemas estudados, analisando as semelhanças e diferenças entre eles para encontrar as reais dificuldades de aprendizagem. Essas percepções nos conduzem a entender as estruturas que se relacionam entre línguas próximas através da análise contrastiva (AC), versão forte difundida com a intenção de verificar as afinidades e diferenças existentes entre língua materna (LM) e a língua estrangeira (LE).

A análise contrastiva explicitada por Vandresen (1988, p. 63) tem como característica principal comparar o sistema linguístico da LM com o sistema linguístico da LE, evidenciando as semelhanças e diferenças existentes entre eles para destacar os possíveis erros que os aprendizes cometerão em sala de aula. As comparações não terão nenhuma comprovação advinda de observações da prática escolar.

Dentre as contribuições fornecidas pela análise contrastiva ao ensino da LE, observamos: a) as facilidades ou dificuldades encontradas pelo aluno de LE serão demonstradas anteriormente através da comparação dos sistemas linguísticos; b) essas comparações permitirão a elaboração de hipóteses sobre pontos críticos de aprendizagem da LE, que somente serão comprovados por meio da fala real do aluno; c) as comparações servem para uma organização na gradação das dificuldades em termos comunicativos, encaminhando essa gradação para a preparação de livros didáticos mais condizentes com as dificuldades, a fim de superação dos problemas com a LE; d) a identificação das causas fornece dados para a construção de estratégias que visem à superação; f) a análise contrastiva também subsidia a formulação de testes, avaliações e preparação de livros didáticos.

¹¹ Evidenciando a relevância dos estudos pedagógicos sobre a concepção de erro para o ensino-aprendizagem, onde se lê 'erro' entenda-se como não assimilação da forma correta.

Segundo Vandresen (1988, p. 64), a análise contrastiva está baseada no fundamento da interferência da língua materna na língua estrangeira.

Vê-se, então, que toda análise contrastiva está fundada no conceito de interferência i.e. na tendência do aluno a substituir traços fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua estrangeira por traços da língua materna. A interferência se manifesta como desvios na LE estudada, por influência da LM do aluno. (VANDRESEN, 1988, p. 64.)

A aprendizagem da língua estrangeira encontra no pressuposto da interferência algumas asserções sobre a aprendizagem de LE: o grau de diferença existente entre duas estruturas tem relação com a facilidade e a dificuldade em aprendê-las; com base no pressuposto da interferência, a análise contrastiva objetiva prever erros que o aluno irá cometer e, assim, ganha uma importante contribuição com a visualização dos pontos problemáticos do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Algumas críticas foram feitas à análise contrastiva quanto à comparação de sistemas para a predição de erros com base no pressuposto da interferência, desconsiderando a estrutura intralingüística da LE. Essas predições de erros nem sempre eram confirmadas por meio de checagem. E, sobretudo, a ênfase que se dava ao erro desmerecia o processo de aprendizagem voltado para a comunicação.

Apesar das críticas, a análise contrastiva ajuda-nos na construção de um quadro de hipotéticos erros, permitindo ao professor uma antecipação dos possíveis problemas que encontrará no decorrer de suas aulas para, assim, se preparar para poder solucioná-los com mais exatidão, pois conhece as causas do surgimento daquele erro.

2.3 A análise contrastiva e os estudos fonológicos

No tocante à aprendizagem de línguas próximas, verificamos com clareza a presença de interferência de sons da língua materna na aprendizagem de língua estrangeira. Portanto, recorrer à análise contrastiva para introduzir um estudo entre idiomas próximos ajuda-nos a encontrar os lugares onde podem ocorrer os problemas de natureza sonora. De acordo com Vandresen (1988), os conceitos de interferência da LM na aprendizagem da LE servem para o estudo da fonêmica. “Mas é importante ter consciência das regras fonológicas da LM, evitando que as apliquemos à sequência da LE estudada.” (VANDRESEN, 1988, p 65.).

Dentro dessa corrente de pensamento que estabelece uma relação entre a língua materna e o ensino e aprendizagem da língua estrangeira, é plausível fazer uso de algumas colocações sobre esse conteúdo. Primeiramente, ao iniciar os estudos contrastivos entre idiomas deve-se fazer um quadro contrastivo, descrevendo os inventários fonético-fonológico das duas línguas separadamente para, posteriormente, estabelecer as semelhanças e diferenças entre essas línguas, visando a explicar os pressupostos que sustentam esta análise linguística.

A comparação entre sistemas fonológicos tem a intenção de detectar os pontos em que existem convergências e os pontos em que existem divergências entre a LM e a LE. De posse dessa análise, é possível entender por que os alunos insistem nos mesmos erros fonológicos, recorrendo a fonemas da LM na LE. E podemos ir adiante, pois, se detectarmos antes os lugares possíveis para essa interferência, estamos compreendendo a natureza do erro, encontrando os porquês da inserção de sons nativos na aprendizagem da LE.

De acordo com Lado (1971, p.27) somos impulsionados a transferir o sistema de sons nativos para a língua estudada.

Temos ampla evidência de que tendemos a transferir todo o nosso sistema lingüístico nativo no processo de aprender uma língua estrangeira. Temos a tendência de transferir para essa língua os nossos fonemas e suas variantes, nossos padrões de intensidade e ritmo, nossas transições, nossos padrões de entonação e sua intenção com outros fonemas. (LADO, 1971, p. 27).

Essa explanação nos conduz a refletir sobre muito mais questões, pois isolamos os fonemas e o distinguimos da LE estudada, renegando as outras partes que compõem o sistema linguístico e que interferem na realização das falas. São muitas demandas sobre as quais nós, professores, devemos pensar e repensar para produzir um ensino concernente com as produções científicas existentes. Outra questão que interfere na assimilação dos sons por parte do aprendiz deve-se aos pontos cegos, ou seja, quando um falante de uma língua escuta os sons da língua estrangeira estudada, está ouvindo na verdade os sons de sua própria língua. Para Lado (1971, p.27), o aluno não perceberá com facilidade as diferenças dos sons da língua estrangeira se não houver nenhuma distinção fonêmica semelhante em sua língua.

Esses pontos cegos enganam o discente, levando-o a pensar que está produzindo um som igual ao da língua estudada, porém está apenas repetindo um som de seu próprio sistema fonológico. Muitas vezes, a percepção desse problema não está ao alcance do aluno. Então, nesse momento, o professor deve estimular o aluno a perceber o erro, explicar o porquê da realização incorreta, demonstrando como se deve realizar corretamente aquele som.

Por isso, é necessária a preparação do docente para atuar sistematicamente nestes pontos, não através de exercícios repetitivos e desconexos, que não têm relação com a fala real, mas com uma postura crítica sobre o assunto, reconhecendo a dimensão do erro, atribuindo a ele o seu real valor diante dos fatos, haja vista, existirem razões já descritas que nos amparam.

Lado (1971, p. 27) também explica a importância e a necessidade de comparar os sistemas fônicos da língua estrangeira e da língua materna com o objetivo de prever e descrever os possíveis problemas de pronúncia dos falantes quando um aluno se propõe a aprender a LE. Portanto, é necessário valorar esse tipo de trabalho porque propõe uma contribuição notória em seu uso prático, na elaboração de livros didáticos, teste e exercícios, como também para avaliar materiais e no diagnóstico anterior de prováveis erros.

Vale salientar que, no aprendizado de sons do sistema lingüístico de uma língua estrangeira, são encontrados fonemas similares aos da língua materna, principalmente as línguas próximas, ocorrendo nesse caso uma transferência, que não causa problemas, pois estes sons se estruturam de maneira semelhante. Porém, são os sons diferentes que constituem uma dificuldade para o alunado. A esses sons, é que devemos estar mais atentos, pois este processo é mais lento, possibilitando a fossilização de um som, ou seja, a permanência de um erro na fala.

Dada a relevância dos estudos fonológicos para o ensino de língua estrangeira, explicitamos que uma análise anterior, descritiva e contrastiva, dos sistemas fonológicos colaboram com um ensino de qualidade que acompanha o processo de aprendizagem do aluno, percebendo sua trajetória na descoberta de outro idioma, novos sons, novas estruturas. Esses estudos científicos fonológicos auxiliam o discente a perceber a diferenças entre os sons, preparando-o para executar com maior eficiência a produção e compreensão oral. Esses conhecimentos apoiam o entendimento dos processos de interferência.

O conhecimento da fonologia auxilia na aprendizagem de uma língua estrangeira. É comum, ao aprender uma língua estrangeira, usar fones da língua materna na pronúncia daquela que se está aprendendo. Entretanto, quando as duas línguas diferem em seus componentes fonológicos, podem ocorrer interferências problemáticas na prática oral da língua estrangeira. (MORI, 2003, p. 151).

Essas exposições guiam a proposta de comparar os fonemas das línguas contrastivamente, propondo uma reflexão sobre a preparação e atuação do professor ao interagir com o aluno. Não raras vezes, os professores de língua estrangeira percebem incorreções antigas nas realizações fonológicas dos alunos.

Para Pérez (1992, p.10), a posição teórica e prática adotada pelo professor em sala de aula interfere na qualidade de suas aulas.

Não é possível compaginar um incremento na qualidade do professor si este não é capaz de refletir sobre sua própria práxis e voltar a questionar-se, se for preciso, os porquês e os comos de sua atuação na aula. Tal reflexão será impossível ou infrutífera no caso de não estar sustentada em princípios e fundamentos sólidos, os quais requerem necessariamente uma bagagem teórica, que não equivale senão à capacidade de pensar, raciocinar e chegar a conclusões devidamente justificadas. (PÉREZ, 1991, P.10)¹²

É interessante rever a nossa prática pedagógica em relação à produção oral dos alunos. Comunicar se com fluência em língua estrangeira incorre em também perceber o que um som pode produzir na fala dos alunos, como um som pode estigmatizá-lo socialmente ou mesmo excluí-lo das relações em comunidade e entender que a compreensão de um fonema induz à compreensão de outros processos linguísticos.

2.4 A análise contrastiva e o ensino-aprendizagem de espanhol a brasileiros

A proximidade existente entre a língua espanhola e a língua portuguesa falada no Brasil traz ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras inúmeras reflexões, impulsionando a criação de falácias e proporcionando que campanhas publicitárias explorem esse grau de distância/proximidade na representação de língua difícil/fácil.

No contexto de ensino de línguas estrangeiras, o papel da língua materna sempre foi questionado. Enquanto em algumas metodologias aparecia como algo fundamental, em outras, era posto como objeto desnecessário ao aprendizado. No caso do ensino de espanhol a brasileiros, esse questionamento permanece criando imagens que ultrapassam a linha da fantasia.

Por isso, é pertinente falar especificamente desta realidade, espanhol (LE) e português (LM) no Brasil, pois o fato de serem línguas geneticamente próximas, mas em muitos aspectos distanciadas, induz-nos a repensar o papel e o lugar da língua materna na aprendizagem.

¹² No es posible compaginar un incremento en la calidad del profesor si éste no es capaz de reflexionar sobre su propia praxis y replantearse, se es preciso, los porqués y los cómo de su actuación en el aula. Tal reflexión será imposible o infructuosa en caso de no estar sustentada en principios y fundamentos sólidos, los cuales requieren necesariamente de un bagaje teórico, que no equivale sino la capacidad de pensar, razonar y llegar a conclusiones debidamente justificadas. (PÉREZ, 1991, p. 10).

Para Durão (2002), o ensino do idioma espanhol deve levar em consideração a análise da língua materna e da língua estrangeira.

A demanda pelo estudo da língua espanhola no Brasil tem crescido extraordinariamente nos últimos anos e isto justifica que se busquem alternativas para o ensino desse idioma que tenham em conta os pontos de contato e de desacordo entre o português como língua materna e o espanhol como língua estrangeira (DURÃO, 2004, p.38).¹³

Em relação a isso, vemos nas Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (2006), uma exposição sobre essa proximidade, fazendo-nos refletir sobre a presença de análises contrastivas como um recurso a mais para elucidar alguns problemas causados pela ilusória sensação de competência comunicativa que gera a relação de línguas irmãs, como, por exemplo, o “portuñol”.

Trata-se, portanto, de ter em conta e de não ter receio de recorrer ao conhecimento prévio da língua materna quando se considerar que esse recurso auxiliará o aprendiz a compreender o idioma estrangeiro. Assim, alguns princípios gerais da Linguística contrastiva podem vir a ser muito úteis se aplicados nas ocasiões oportunas. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 142)

Esse incentivo ao uso da análise contrastiva não prima pela inclusão de mais uma teoria educacional com vistas a resolver definitivamente os encontros/desencontros de espanhol (LE) com o português, mas incentiva a pensar em mais uma alternativa para melhorar a prática do professor em sala de aula e, por consequência, a produção oral dos alunos. “Não se trata de defender, no entanto, a visão mais conservadora da Análise Contrastiva, mas de considerar que alguns de seus princípios, pautados no contraste entre línguas e discursividade envolvidas, podem levar a resultados satisfatórios.” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 142)

A necessidade de refletir sobre a linguagem, de encontrar os eixos e as separações entre a língua espanhola e a língua portuguesa leva-nos por caminhos árduos, mas muito proveitosos em sala de aula, no sentido que podemos conjugar os esforços dessa teoria aos planejamentos didáticos.

¹³ La demanda por el estudio de la lengua española en Brasil ha crecido extraordinariamente en los últimos años y esto justifica que se busquen alternativas para la enseñanza de ese idioma que tengan en cuenta los puntos de contacto y de desacuerdo entre el portugués como lengua materna y el español como lengua extranjera. (DURÃO, 2004, p.38)

É passando por essa explanação que enfocamos a semelhança do sistema fonológico do português (LM) com o do espanhol (LE). Por serem tão parecidos, envolvem o aluno em uma máscara mentirosa, dando-lhes a segurança para se expressar e, muitas vezes, deixando-os em espaços escorregadios. É necessário que o professor tenha a capacidade de analisar as duas línguas contrastivamente, identificando e reconhecendo onde estão as semelhanças e as diferenças para poder explicar o porquê e onde os sons se assemelham e diferem e, indo mais além, o que provoca a inserção de um som da língua materna em determinadas palavras.

Não basta apenas dizer que existem igualdades, que os idiomas nasceram da mesma mãe, é preciso ter uma conduta que encoraje o aluno a reconhecer o seu erro fonológico, fazê-lo rever a sua realização fonética. É muito mais que mostrar pares mínimos da língua espanhola e da língua portuguesa, é indicar-lhes como é possível utilizar os pontos e modos de articulação para pronunciar um som corretamente.

É função do professor estar atento ao desenvolvimento oral e auditivo dos alunos, para poder entender que, quando a realização de um som (LE) é confundido com um som da LM pelo aluno de fase inicial, é porque isso faz parte do processo de aprendizagem dos fonemas da LE. No entanto, a insistência da realização de um fonema de forma diferente se transforma em um fóssil, ou seja, o som se fixa de forma diferenciada e dificilmente será pronunciado de forma condizente aos seus traços. Entender também que usar todas as competências lingüísticas faz parte de um processo longo, devendo os professores terem a sensibilidade para perceberem todas as fases.

Por isso, estudar semelhanças e diferenças existentes entre os sistemas lingüísticos de duas línguas irmãs faz dos estudos contrastivos um amplo espaço para discussão e esclarecimentos desses fenômenos que diferem na sua construção e utilização, porque apontam com clareza as dificuldades que poderão ocorrer no processo ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO III: SISTEMAS DE SONS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL

3.1 A análise contrastiva de sistemas fonológicos

O ensino de línguas estrangeiras compreende um leque de conhecimentos diversificados. O conjunto de informações que é oferecido ao aprendiz o faz explorar a linguagem e confrontar os dados da língua materna com os dados da língua estrangeira. O processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira faz o aluno adentrar em um mundo novo de estruturas, porém o fato de ter que se desvencilhar da língua-mãe revela-se de forma, muitas vezes, involuntária. A causa dessa recorrência aos dados da língua materna é estudada no ensino de língua estrangeira como interferência, ou seja, quando o aluno transporta para língua estrangeira as estruturas da língua materna. Freitas (2004) faz a seguinte afirmação;

Todavia, tal proximidade lingüística tem inevitavelmente gerado um dos maiores paradoxos da aprendizagem de línguas – se por um lado, a aquisição de uma L2 próxima à L1 é facilitada pelo seu compartilhamento estrutural, por outro, a interferência de uma língua na outra alcança índices que não só dificultam, mas principalmente, impedem o aprendizado. (FREITAS, 2004, p. 37).

O processo de interferência se apresenta de forma natural. No entanto, desconsiderar esses fatos durante a aprendizagem pode causar a fixação de erros, pode causar a fossilização de estruturas que permanecerão imutáveis devido à influência da língua materna. Por isso, os professores devem estar atentos à introdução de informações inerentes à língua materna, sobretudo quando esse fato é recorrente na linguagem do aluno no desenvolvimento das competências lingüísticas. Devemos, então, reconhecer a importância de estudos que tratem da interferência, no sentido de agrupar reflexões que nos levem a contribuir de forma clara e profícua para o ensino de línguas estrangeiras.

É com o intuito de refletir sobre essas questões que atentamos para o fato de o aluno utilizar os sons da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira. Muitas vezes nos deparamos com realizações fonéticas invadidas por fonemas (ou alofones) da língua materna do aluno, levando-o a incorrer em erros tanto fonéticos (e fonológicos) como semânticos. Essas incorreções, que são no início uma tentativa de acerto, podem levar o aprendiz a organizar-se mentalmente sobre o erro, desconsiderando a forma correta de realização. A participação do professor nesse momento é imprescindível, pois problemas identificados na realização de alguns segmentos ou sequências de segmentos podem ser

resolvidos com o auxílio de trabalhos contrastivos fonético-fonológicos, ajudando o aluno a perceber a interferência da LM na LE.

Os estudos científicos fonológicos ajudam ao discente discernir as diferenças entre os sons, e a organização desses sons em cada sistema linguístico, preparando-o para executar, com maior eficiência, a produção e compreensão oral, como também a produção e compreensão escrita. Esses conhecimentos auxiliam a compreensão dos processos de interferência. De acordo com Mori (2003),

O conhecimento da fonologia auxilia na aprendizagem de uma língua estrangeira. É comum, ao aprender uma língua estrangeira, usar fones da língua materna na pronúncia daquela que se está aprendendo. Entretanto, quando as duas línguas diferem em seus componentes fonológicos, podem ocorrer interferências problemáticas na prática oral da língua estrangeira. (MORI, 2003, p. 151).

A compreensão do componente fonológico de uma língua é um facilitador, porque ajuda tanto o professor quanto o aluno na composição das idéias sobre a língua estrangeira estudada. Ideias essas, que perpassam o ensino-aprendizagem no desenvolvimento das habilidades lingüísticas, pois o reconhecimento de fonemas da LE em contraste com a LM possibilita a reflexão na hora de interagir comunicativamente.

É essa intenção de entrosamento mútuo dos idiomas que guia a proposta de comparar os fonemas da língua, propondo uma descrição fonético-articulatória da LM e da LE através de um quadro contrastivo dos fonemas.

A proximidade de línguas irmãs como português e o espanhol demonstra-nos que a utilização de um quadro contrastivo do sistema fonológico da língua materna com o sistema da língua estrangeira estudada vem a ser um instrumento que estabelece a real diferenciação entre os fonemas das línguas citadas. À medida que criamos um esboço descritivo entre os idiomas, podemos vislumbrar outras possibilidades de metodologias para sanar alguns erros, futuros fósseis dos alunos brasileiros, e vice-versa.

Vale ressaltar que os estudos contrastivos de língua irmãs do ramo indo-europeu têm sugerido aos cientistas as mais variadas questões, entre elas as dificuldades dos estudantes brasileiros com o sistema fonético-fonológico da Língua Espanhola (L2). Essas ocorrências são frequentes na Língua Espanhola e nos ofertam um campo vasto de investigação científica. Conhecer, investigar e identificar as similaridades e o ponto em que acontecem as divergências faz parte de uma gama de interrogações que permeiam o universo da sala de aula, muitas vezes complicando a aprendizagem, estabelecendo dificuldades que acompanham o aluno durante todo o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Com a preocupação de atender à proposta de ensino de forma completa e não apenas artificialmente, investigamos os pontos problemáticos de aprendizagem entre essas línguas geneticamente relacionadas, propondo aprofundar o estudo comparativo fonético-fonológico entre a Língua Espanhola e a Portuguesa (falada no Brasil), com efeito, a produzir uma pesquisa voltada a esclarecer o fato linguístico das semelhanças e diferenças entre essas duas línguas. Esclarecer como acontecem, por que e onde, para posteriormente aplicar nos ambientes adequados, constitui em importante passo para o ensino da Língua Espanhola para brasileiros, desmistificando afirmações sem fundamentação teórica.

3.2 Análise contrastiva dos sistemas fonético-fonológicos do Português e do Espanhol

Neste capítulo, objetivando a descrição dos dois sistemas de sons das línguas aqui enfocadas, português e espanhol, apresentam-se os quadros contrastivos de fonemas das duas línguas, separando o sistema vocálico do sistema consonantal. Posteriormente buscamos explicá-los, analisando-se os fonemas tanto da língua portuguesa quanto da língua espanhola.

Apresentamos e discutimos os fonemas de cada sistema fonético-fonológico, agrupando-os por classes, uma vez que processos fonológicos costumam aplicar-se a classes de segmentos e não a segmentos isolados. O primeiro critério utilizado é o modo de articulação, pois tratamos das oclusivas, das fricativas e assim por diante. Subdividimos, em seguida, esses grupos de acordo com o vozeamento, quando necessário.

Os quadros expostos têm como base para a descrição dos fonemas da língua portuguesa Cristóvão Silva (2005) e Mattoso Câmara Jr. (1997) e para a língua espanhola Alarcos Llorach (1991) e Navarro Tomas (1989). Portanto, versamos sobre as posições teóricas defendidas por esses autores. Os símbolos utilizados tem como base o alfabeto internacional de fonética (1996). O trabalho não apresenta *corpus* específico, compreendendo para a análise da língua portuguesa a intuição da pesquisadora habilidades como falante da língua nativa e para a língua espanhola a observação de sala de aula como professora de espanhol e como falante de espanhol L2.

3.2.1 Os sistemas consonantais

Os quadros contrastivos apresentados abaixo são de fonemas. Portanto, a descrição é fonológica. Partindo do fonema, verificaremos a realização de cada fonema em

vários ambientes, sendo assim, fonética. Fazemos assim, a exposição dos fonemas e suas variações, mas também faremos comentários sobre alguns fatores extralinguísticos.

3.2.1.1 Consoantes oclusivas

As consoantes oclusivas ocorrem quando os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem de ar pela boca. Como o véu platino está levantado, os pulmões direcionam o ar pela cavidade oral. Podemos, então, considerar as oclusivas como consoantes orais. Apresentamos as consoantes oclusivas que ocorrem nas duas línguas no quadro 1, a seguir.

	Português	Espanhol
Bilabial	p b	p b
Alveolar	t d	t d
Velar	k g	k g

Quadro 1: consoantes oclusivas em Português e Espanhol

1) Oclusivas surdas

O fonema /p/ realiza-se de uniformemente em todos os dialetos do português brasileiro e em todo e qualquer ambiente, como podemos observar nos exemplos abaixo.

1. ['pata] pata
2. ['pena] pena
3. ['pia] pia
4. ['polu] polo
5. ['pulu] pulo
6. ['ã'paru] amparo
7. ['ka 'pas] capaz
8. ['arpa] harpa
9. [sola 'par] solapar

Em espanhol, /p/ não se realiza de modo uniforme em todos os dialetos, pois aparece em ambientes, dialetos ou registros diferentes com pronúncias distintas.

Em início de sílaba, pronuncia-se sempre como [p].

10. ['padre] padre

11. ['puerta] puerta

12. [pin 'tor] pintor

Seguido de /t/, a realização do fonema /p/ é enfática, normalmente em final de sílaba acentuada.

13. ['apto] apto

14. [kõn 'θepto] concepto

15. [a 'doptar] adoptar

Algumas vezes, em final de sílaba, em pronúncia informal, pode ser apagado. Também chamado de síncope, perda ou queda de um som em interior de palavra.

16. ['setimo] séptimo

17. [se 'tjembre] septiembre

18. [suskri 'to.ɪ] suscriptor

É importante salientar que a pronúncia padrão do fonema /p/ admite sua omissão, porém percebe-se também seu modo enfático em algumas falas.

Seguido de /s/, a pronúncia é forte em sílaba acentuada.

19. ['kapsula] cápsula

20. [e 'klipse] eclipse

Faz-se necessário observar que na fala cotidiana, em posição não acentuada, realiza-se como [β], fricativa.

21. [konθeβ 'θjon] concepción

22. [adoβ 'θjon] adopción

É comum em pronúncia fluente o apagamento de /p/ em grupo inicial seguido de /s/ em sílaba não acentuada. A perda de som em início de palavra é chamada de aférese.

23. [si 'kɔlogo] psicólogo

24. [sewdo 'kritika] pseudocrítica

A percepção da realização uniforme do fonema /p/ no português falado no Brasil nos faz entender porque o aluno não reconhece a diversidade da variação do /p/ na língua espanhola, pronunciando-o sempre de forma igual em todos os ambientes. Não identificar/realizar essas variações não causa problemas de compreensão auditiva por parte dos nativos, porém em alguns casos revela-se como falta de conhecimento do idioma por parte do aprendiz.

O fonema /t/ não se apresenta de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ter a articulação alveolar ou dental, em variação livre.

25. ['tapa] tapa

26. ['topo] topo

27. ['tipo] tipo

Pode realizar-se como [tʃ] ou como [tʰ] em alguns dialetos. O alofone [tʃ] apresenta-se como pronúncia típica do sudeste e também em outras regiões, como o centro-oeste. Nestas regiões, o [tʃ] realiza-se precedendo o fonema /i/ e suas variantes [i, I, ĩ].

28. [tʃi 'ara] tiara

29. ['tʃia] tia

30. [po 'tʃI] poti

31. ['tʃĩta] tinta

Em outros dialetos, no dialeto de Maceió, por exemplo, [tʃ] ocorre depois do alofone [j] do fonema /i/.¹⁴

32. ['ojtʃu] oito

33. ['mũjtʃu] muito

O fonema /t/ também não se realiza em espanhol uniformemente. Em final de sílaba, em pronúncia fluente, realiza-se como uma fricativa dental sonora [ð]. Comparem-se os exemplos 32 e 33 aos exemplos 34 e 35, a seguir.

32. ['tar.de] tarde

33. ['að.las] atlas

34. ['rið.mo] ritmo

¹⁴ As informações referentes aos fenômenos fonéticos- fonológicos existentes na fala de Maceió/Alagoas tem por base o trabalho de dissertação de Santos (1996).

Podemos observar que o fonema /t/ em português apresenta variações em algumas regiões do Brasil, podendo dificultar a aprendizagem da realização desse som, porém, como veremos mais adiante, na realização do fonema palatal do espanhol [tʃ] o aprendiz sentirá facilidade na pronúncia de algumas palavras. Quanto ao registro escrito, a variação do fonema /t/ para [tʃ] do português pode causar problemas para a ortografia do espanhol, pois não ficará claro na audição quando se trata de /t/ ou de /tʃ/ na fala, levando o aluno deduzir que pode ser “t” ou “ch” na escrita. A variação de /t/ para [ð] não causa problemas de entendimento auditivo, pois é uma sutileza linguística perceptível, mas sem problemas de registro para os falantes nativos.

O fonema /k/ apresenta-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. Há uma ligeira diferença fonética quando /k/ precede vogal alta anterior /i/. Mas essa diferença de pronúncia não é percebida pelos falantes.

36. ['kapa] capa

37. ['kõpra] compra

38. ['keru] quero

39. ['kilu] kilo

40. ['ku:padu] culpado

Em espanhol, o fonema /k/ realiza-se uniforme em todos os dialetos.

41. ['kaθa] caza

42. ['loko] loco

43. ['θiŋko] cinco

44. ['kerer] querer

Este fonema, por apresentar-se de forma semelhante nos dois idiomas, não oferece dificuldades para o aluno brasileiro.

2) Oclusivas sonoras

O fonema /b/ realiza-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro.

45. ['balə] bala

46. ['bejʒu] beijo

47. [bi 'kãmə] bicama
 48. ['bokə] boca
 49. [bũ 'nɛka] boneca
 50. [tuhbĩ 'nadu] turbinado

Em espanhol, realiza-se como [b] em inicial absoluta depois de pausa (exemplos 51 a 52) e em interior de grupo antecedido de nasal (exemplo 53 e 54).

51. ['baʃta] basta
 52. ['baka] vaca
 53. ['õmbre] hombre
 54. [inbi 'taðo] invitado

Realiza-se como fricativa bilabial sonora [β], diferenciando-se da realização oclusiva bilabial sonora pela menor tensão muscular e pela abertura dos lábios, nos seguintes ambientes:

- entre vogais

56. ['loβo] lobo
 57. [es 'taβa] estaba
 58. [eβa 'dir] evadir

- depois de /l/

59. [al 'βriθjas] albricias

- em final de sílaba medial ou final.

60. [suβdʒ 'ugar] subyugar
 61. [ke 'ruβ] querub

Em Tomas (1989, p. 86), encontramos a seguinte afirmação: “Convém advertir que β em contato com uma articulação surda seguinte nem sempre se pronuncia plenamente sonora”.¹⁵

¹⁵ “Conviene advertir que la β en contacto con una articulación sorda siguiente no siempre se pronuncia plenamente sonora”(TOMAS, 1989, p.86).

O fonema /b/ e suas variações para o aluno brasileiro são sempre uma fonte de dúvida, sempre ocorrendo interferência da língua materna, pois para os brasileiros é perceptível a variação de /b/ para [β] em vários ambientes e registros dialetais. Haverá, ainda, problemas relacionados à representação do fonema /b/ pela letra ‘v’, na escrita, seja a realização na fala [b] ou [β]. (Ver capítulo IV sobre as relações entre fonema e letra no sistema de escrita do Espanhol.)

O fonema /d / não se apresenta de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ter articulação alveolar ou dental, do mesmo modo que o /t/, em variação livre. Pode realizar-se como [dʒ] na pronúncia típica do Sudeste e no Centro-Oeste diante de /i/ e suas variações [i, I, ĩ].

62. [ˈdata] data

63. [ˈdʒia] dia

64. [dʒiˈɲejru] dinheiro

Do mesmo modo que o [t], Em outros dialetos, no dialeto de Maceió, por exemplo, o alofone palatalizado (ou africado) [dʒ] ocorre depois do alofone [j] do fonema /i/.

64. [ˈdojdʒu] doido

65. [kujˈdʒadu] cuidado

Este fonema também não ocorre uniforme em todos os dialetos do espanhol. Realiza-se como [d] em posição inicial absoluta ou em contato com /n/ ou /l/ precedentes. Exemplos:

66. [ˈkonde] conde

67. [ˈprenda] prenda

68. [ˈfaɫda] falda

Nos demais casos, (posição intervocálica (69), entre vogal e consoante, início de sílaba (70), ou entre consoante e vogal, final de sílaba interior, (71)) realiza-se como [ð] fricativa dental sonora.

69. [maˈðera] madeira

70. [laˈðriɫo] ladrillo

71. [aðxeˈtiβo] adjetivo

Em final de palavra, seguido de pausa, é fraco e relaxado. Em formas nominais, muitas vezes se suprime o /d/ ou ele se torna fricativo.

72. [ma'dri] ou [madrĩð] madrid

73. [vir'tu] ou [vir'tuð] virtud

O fonema /d/ nos participípios formados por 'ado' se reduz, realizando-se [ð] ou mesmo se perde, provocando a o fechamento do /o/ em /w/.

74. [a'maðo] ou [a'maw] amado

75. [kan'taðo] ou [kan'tao] cantado

O fonema /d/ apresenta variações dialetais no sistema do português e do espanhol, causando interferência na pronúncia dos fonemas da língua espanhola por alunos brasileiros, pois, muitas vezes, o aluno realiza o [dʒ] para o /d/ da língua espanhola. Vemos também que o apagamento do /d/ para os alunos demora a ser aprendido e muitas vezes a realização se dá com o acréscimo da vogal /i/. Não podemos desconsiderar o fonema /ð/, pois este oferece maior dificuldade, haja vista não termos essa realização na língua materna.

O fonema /g/ apresenta-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro.

76. ['gata] gata

77. ['agwa] água

78. [a'guʎa] agulha

79. ['gota] gota

80. [ah'gɔla] argola

Em espanhol, o fonema /g/ não se realiza de maneira uniforme. Em inicial absoluta e depois de nasal realiza-se como [g].

81. ['galo] gallo

82. ['rango] rango

Nos demais ambientes, o fonema /g/ realiza-se como fricativa velar sonora [ɣ].

83. [aɣra'ðaβle] agradable

84. ['siɣlo] Siglo

Em pronúncia rápida ou relaxada, os falantes costumam apagá-lo.

85. [i'gwera] → [i'wera] Higuera
 86. ['dogma] → ['doma] dogma
 87. ['agwa] → ['awa] água

A pronúncia do português é uniforme, contrariamente à pronúncia do espanhol. Percebe-se nos trabalhos auditivos de sala de aula que os alunos identificam a não correspondência com o português, porém, na realização, os alunos costumam ter dificuldades com as variações.

3.2.1.2 Consoantes africadas

As consoantes africadas na fase inicial produzem-se através da obstrução completa da passagem de ar pela boca, encontrando-se no momento de realização o véu palatino levantado. Já na fase final da obstrução, acontece uma fricção decorrente da passagem de central de ar. Vale lembrar que o véu palatino continua levantado durante a produção de uma africada. As consoantes africadas são orais. No quadro abaixo, apresentamos as consoantes africadas do Espanhol, já que em Português esses sons não são fonemas.

	Português	Espanhol
Palatal	-	tʃ
	-	dʒ

Quadro 2: consoantes africadas do Espanhol

1) Africada surda

O fonema /tʃ/ realiza-se em espanhol uniformemente.

89. [tʃ'iko] chico

90. [mu'tʃatʃo] muchacho

2) Africada sonora

O fonema /dʒ/ apresenta-se em espanhol sem uniformidade nos dialetos. Em posição inicial de sílaba e precedida de /n/ e /l/ realiza-se como [dʒ].

90. [kondʒu'gal] conyugal

91. ['dʒunke] yunque

92. ['dʒo] yo

93. [kon'dʒero] con hierro

Em outros ambientes, como em posição inicial de sílaba e não precedida por /n/ ou /l/, (95) e (96) , e em posição inicial absoluta na conversação rápida (97) apresenta-se como fricativa palatal [j].

95. ['jerno] yerno

96. [ka'jado] cayado

97. [la'jerba] la hierba

A observação dos fonemas /tʃ/ e /dʒ/ em espanhol nos faz entender por que os estudantes brasileiros os pronunciam corretamente, haja vista, esses fonemas se apresentarem com frequência na variação de /t/ e /d/ em algumas variações dialetais do Brasil.

3.2.1.3 Consoantes fricativas

As fricativas são consoantes que ocorrem quando os articuladores se aproximam e produzem uma obstrução não completa da passagem da corrente de ar pela boca. A obstrução é parcial, causando a fricção.

	Português		Espanhol
Labiodental	f	v	f
Interdental			θ
Alveolar	s	z	s
Palatal	ʃ	ʒ	
Velar			x

Quadro 3: Consoantes fricativas em Português e Espanhol

1) Fricativas surdas

O fonema /f/ realiza-se de modo uniforme em todos os dialetos do português brasileiro e em qualquer ambiente.

- 98. ['fada] fada
- 99. [ka 'fɛ] café
- 100. [fi'kar] ficar
- 101. [fo'nema] fonema
- 102. ['fumo] fumo
- 103. [defla'grar] deflagrar
- 104. ['gahfu] garfo

Em espanhol, o fonema /f/ também apresenta uma única realização em todos os dialetos e em todas as posições em que ocorre. Vejamos os exemplos:

- 105. ['faθil] fácil
- 106. [fa'moso] famoso
- 107. ['feo] feo
- 108. ['firme] firme
- 109. [fu'rjoso] furioso
- 110. [ka'fe] café

A partir dessa análise e também pela observação em sala de aula, podemos afirmar que esse fonema não apresenta dificuldade para os alunos na aprendizagem do espanhol.

O fonema /θ/ que não existe em Português, não se apresenta uniforme nos dialetos da língua espanhola.

- 111. ['θerka] cerca
- 112. ['θiŋko] cinco
- 113. [ra'θón] razón

Vale lembrar o fenômeno do seseo, realização do fonema /θ/ como [s], que ocorre na pronúncia de países hispano-americanos, na região de Andaluzia, Canarias e nas classes populares de Valencia, Mallorca, Cataluña e Vascovia.

- 114. ['θérka] → ['serka] cerca
- 115. ['θiŋko] → ['siŋko] cinco

116. [ra'θón] → [ra'són] razão

Em relação a ese fenómeno, Tomas (1989, p.94) observa:

Enquanto a estrangeiros que estudam há sem dúvida a conveniência de que aprendam a fazer uma distinção, que, à parte de facilitar a ortografia e a leitura do verso, é considerável em Espanha como a forma mais correta e não aparece afetada nem pretenciosa na América tratando-se de pessoas que não são naturais do país (TOMAS, 1989, p. 94).¹⁶

A presença dessa variação ‘seseo’ causa ainda hoje muita especulação quanto à dita pronúncia correta pelos aprendizes brasileiros de espanhol, causando um desconforto ou mesmo preconceito linguístico¹⁷ quando não se consegue realizar o fonema /θ/, realizando-o de forma ‘seseante’.

A opinião geral em Castilha aceita o seseo andaluz e hispano-americano como modalidade dialetal que os hispano-americanos e andaluzes podem usar sem reparo até nos círculos sociais mais cultos e escolhidos. São muitas, no entanto, as pessoas de dita origem que tendo que viajar ou viver fora do seu país adotam o uso da θ, cujo som, por seu carácter culto, apaga todo indicio de procedência.¹⁸ (TOMAS, 1989, p. 94).

O fonema /s/ não se realiza de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, apresentando articulação alveolar ou dental. Essa diferença de pronúncia é apenas fonética e bastante sutil, a ponto de não ser percebida.

117. [ˈsala] sala

118. [ˈkasa] caça

¹⁶ “En cuanto a extranjeros que estudian este idioma es indudable la conveniencia de que aprendan a hacer una distinción que, aparte de facilitar la ortografía y la lectura del verso, es considerada en España como la forma más correcta y no aparece afectada ni pretenciosa en América tratándose de personas que no son naturales del país.” (TOMAS, 1989, p. 94).

¹⁷ “o preconceito linguístico fica bem claro em certo tipo de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui”. (BAGNO, 1999, p. 13)

¹⁸ “La opinión general en Castilla acepta el seseo andaluz e hispanoamericano como modalidad dialectal que os hispanoamericanos y andaluces pueden usar sin reparo hasta en los círculos sociales más cultos y escogidos. Son muchos, sin embargo, las personas de dicho origen que teniendo que viajar o vivir fuera de su país adoptan el uso de la θ, cuyo sonido, por su carácter culto, borra todo indicio de procedencia.” (TOMAS, 1989, 94)

119. [ˈpas] paz

Além disso, /s/ pode apresentar diversas realizações, quando em posição de coda silábica, posição em que assimila o vozeamento da consoante seguinte. Desse modo, /s/ pode realizar-se como [s, z, ʃ, ʒ].

Antes de consoante desvozeada, /s/ pode realizar-se como [s] ou como [ʃ], dependendo do dialeto.

120. [ˈpasta] ~ [ˈpaʃta] pasta

121. [ˈmes] ~ [ˈmejʃ] mês¹⁹

Antes de consoante vozeada, /s/ pode realizar-se como [z] ou [ʒ], também de acordo com o dialeto.

122. [iz ˈbahʊ] ~ [iʒˈbahʊ] esbarro

123. [diz ˈviu] ~ [diʒˈviu] desvio

O /s/ sofre variação para [z] em qualquer dialeto quando um fonema em posição final de sílaba passa a ser inicial de sílaba.

124. [ˈluS] luz → [ˈluzes] luzes

De acordo com Silva, temos um quadro de neutralização.

Devemos então buscar uma maneira de expressar este tipo de comportamento, ou seja, o fato de certos fonemas perderem o contraste fonêmico em ambientes específicos. Para isto, utilizamos a noção de neutralização e arquifonema. Dizemos que há **neutralização** dos fonemas /s, z, ʃ, ʒ/ – utilizamos o símbolo /S/ o qual representa um **arquifonema**. Portanto, um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização – de um ou mais fonemas em um contexto específico. (SILVA, 2005, p.158).

Podemos, então, afirmar que /S/ em final de sílaba pode manifestar-se como [s, z, ʃ, ʒ].

O fonema /s/ não se realiza uniformemente em todos os dialetos do espanhol, variando sua tensão muscular segundo sua posição ou grupo fônico.

125. [esˈfera] esfera

126. [saˈβor] sabor

¹⁹ Nos dialetos em que a pronúncia é [ʃ] há inserção de um [j] antes do [ʃ].

O fonema /s/ realiza-se como [z] em final de sílaba ou de palavra, em contato com consoante sonora.

127. [xuz¹ʎar] juzgar

Os sons [ʃ] e [ʒ] são variações dialetais espanholas do fonema /s/ diante de consoante dental seguinte.

128. [ˈko ʃta] costa

129. [ˈdeʒðe] desde

Convém ressaltar o fenômeno do ‘ceceo’, que é inverso em relação ao ‘seseo’, pois, nesse caso, o fonema /s/ é que se realiza como [θ].

130. [ˈθolo] solo

131. [ˈpeθo] peso

Tomas, novamente, observa que

O teatro e a novela costumam utilizar o ceceo como recurso cômico, apresentando-se com o caráter de rude dialetalismo ou como uma chocante anormalidade. Basta esta informação para formar ideia da opinião que se tem de ceceo e para compreender a conveniência de corrigir e evitar esta forma de pronunciar (TOMAS, 1989, p. 108).²⁰

A visualização da não uniformidade do fonema /s/ na percepção de suas variações nos encaminha para o entendimento de que é necessário verificar essas diferenças para auxiliar o aluno na produção escrita e oral e na compreensão leitora nas duas línguas.

O fonema /ʃ/ apresenta-se de forma uniforme em início de sílaba em todos os dialetos do português brasileiro.

132. [ˈʃá] chá

133. [ˈa ʃa] acha

É cabível em sala de aula chamar a atenção para uma possível interferência do fonema /ʃ/ do português na realização do fonema /tʃ/ do espanhol, pois muitas vezes os alunos não

²⁰ “El teatro y la novela suelen utilizar el ceceo como recurso cómico, presentándose con el carácter de un rudo dialectalismo o como una chocante anormalidad. Basta este dato para formarse idea de la opinión que del ceceo se tiene y para comprender la conveniencia de corregir y evitar esta forma de pronunciación.” (TOMAS, 1989, p. 108).

percebem a diferença na enunciação e realizam o fonema da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira/espanhol, essencialmente influenciado pela escrita.

O fonema /x/ não se apresenta uniforme em todos os dialetos do espanhol.

- 134. [ˈroxo] roxo
- 135. [koˈxer] coger
- 136. [ˈxaro] jarro
- 137. [finˈxir] fingir
- 138. [naˈβaxa] navaja

Podemos observar que em falas meridionais, como Extremadura, Andalucía, Murcia, Canárias e toda hispano-América, o /x/ realiza-se relaxado, aspirando-se [h].

- 139. [esˈpeho] espejo
- 140. [ˈkaña] caja

Faz-se necessário diferenciar este fonema do /r/ e do /r/ do português porque todos eles têm valor distintivo, tanto em uma língua quanto em outra, e a não existência do /x/ como fonema na língua portuguesa causa alguns problemas de realização para os alunos de LE/espanhol.

3) Fricativas sonoras

O fonema /v/ apresenta-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro.

- 141. [ˈvaka] vaca
- 142. [ˈvehdɪ] verde
- 143. [ˈvida] vida
- 144. [aˈvaro] avaro
- 145. [ˈvoto] voto
- 146. [kãˈtava] cantava

A ausência do fonema /v/ em espanhol origina problemas nas realizações dos alunos brasileiros, que sempre estão a adicionar o fonema materno à visualização da letra ‘v’ na fala.

Segundo Tomas (1989), o desaparecimento da distinção na fala entre os fonemas /b/ e /v/ data do século XVI.

A confusão entre o *v* e o *b* encontra-se já em inscrições hispanorromanas. Parece que na escritura medieval o *b* representava o som bilabial oclusivo; e o *v* o bilabial fricativo; mas em direção ao século XVI se perdeu esta diferença, se identificando uma e outra na pronúncia e representando ambas igualmente, como hoje vemos, os sons *b* e β (TOMAS, 1989, p. 91).²¹

O fonema /z/ apresenta-se de forma uniforme em início de sílaba em todos os dialetos do português brasileiro com articulação alveolar ou dental.

147. [za¹pata] zapata

148. [¹kaza] casa

149. [¹zebra] zebra

Este fonema não faz parte do sistema consonantal do espanhol. Normalmente vemos que os alunos sofrem a interferência deste fonema do português na realização fonológica do espanhol, pronunciando o fonema /z/ do português no lugar do fonema /s/ do espanhol.

O fonema /ʒ/ realiza-se de forma uniforme em início de sílaba em todos os dialetos do português brasileiro.

150. [¹ʒa] já

151. [¹aʒa] haja

Convém lembrar sua ausência no sistema consonantal do espanhol e sua diferenciação do fonema /dʒ/.

3.2.1.4 Consoantes nasais

As consoantes nasais são produzidas pela obstrução completa da passagem de ar pela boca. O véu palatino permanece abaixado e o ar passa pela cavidade oral e nasal.

²¹ “La confusión entre la *v* y la *b* se encuentra ya en inscripciones hispanorromanas. Parece ser que en la escritura medieval la *b* representaba el sonido bilabial oclusivo; y la *v* el bilabial fricativo; pero hacia el siglo XVI se perdió esta diferencia, identificándose una y otra en la pronunciación y representando ambas igualmente, como hoy vemos, los sonidos *b* y β .” (TOMAS, 1989, p. 91).

	Português	Espanhol
Bilabial	m	m
Alveolar	n	n
Palatal	ɲ	ɲ

Quadro 4: consoantes nasais em Português e Espanhol

O fonema /m/ é uniforme em todos os dialetos do português brasileiro.

- 152. [ˈmala] mala
- 153. [ˈmedu] medo
- 154. [mi ˈrada] mirada
- 155. [ˈmɔdu] modo
- 156. [mu ˈkɔza] mucosa
- 157. [ˈkãma] cama
- 158. [dehã ˈmar] deramar

Em espanhol, o fonema /m/ se apresenta uniforme em todos os dialetos.

- 159. [ˈmaðre] madre
- 160. [ˈkama] cama
- 161. [me ˈðiða] medida
- 162. [mi ˈraða] mirada
- 163. [ˈmo ðo] modo
- 164. [ˈmusika] música
- 165. [kama ˈrero] camarero

O fonema /n/ ocorre de forma uniforme nos dialetos do português brasileiro. Exemplo:

- 166. [ˈnada] nada
- 167. [ˈnɔdoa] nódoa
- 168. [ner ˈvozo] nervoso
- 169. [ˈnĩ bo] nimbo
- 170. [ˈnu] nu
- 171. [ˈkãtu] canto

172. [kã 'noa] canoa
 173. [kafe 'ĩ na] cafeína

Em espanhol o fonema /n/ não se apresenta uniforme em todos os dialetos.

- antes de vogal, em início ou meio de sílaba, realiza-se sempre como [n].

174. ['naða] nada
 175. ['nilo] nilo
 176. ['nje βla] niebla
 177. [nor 'mal] normal

O fonema /n/ sofre assimilação diante de dental, palatal, velar em espanhol, em final de sílaba,

- diante de consoante dental, realiza-se dentalizada [n̪]

178. ['kã̪nto] canto
 179. ['ã̪nde] ande

- diante de consoante palatal, realiza-se palatalizada [ɲ]

180. ['ã̪ncho] ancho
 181. [i̪ndʒek 'tar] inyectar
 182. [co̪ɲle 'βar] conllevar

- diante de consoante velar, realiza-se velarizada [ŋ]

183. ['mã̪ŋga] manga
 184. ['ã̪ŋxel] ángel

- diante de /f/, em pronúncia rápida, pode nasalizar a vogal precedente, porém desfeito o contato de /n/ com /f/ o /n/ predomina.

185. [kon 'fuso] ou [kõ 'fuso] confuso

Podemos observar que existem vogais espanholas que sofrem nasalização, desmistificando a idéia que as vogais da língua espanhola nunca se nasalizam em nenhum ambiente.

O fonema /ɲ/ apresenta-se de forma reduzida na fala dos falantes do português brasileiro, porque geralmente é substituído por um glide palatal nasalizado para a maioria dos falantes.

186. [' bãɲa] ou [' bã̃ja] banha

O fonema /ɲ/ em espanhol aparece sempre em início de sílaba em posição medial.

Exemplos:

187. [' n iɲo] niño

188. [ka ' riɲo] cariño

189. [' βiɲa] viña

190. [βi ' ñeðo] viñedo

3.2.1.5 Consoantes líquidas

As consoantes líquidas são divididas em laterais e vibrantes.

1) Laterais

As consoantes laterais são produzidas quando na execução do som o articulador ativo toca o articulador passivo, obstruindo a parte central do trato vocal, expelindo, assim, o ar pelas laterais da boca.

	Português	Espanhol
Alveolar	l	l
Palatal	ʎ	ʎ

Quadro 5: consoantes líquidas em Português e Espanhol

O fonema /l/ não se apresenta de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. Em início de sílaba e seguindo consoante, sua articulação pode ser alveolar ou dental, em variação livre.

191. [' lẽmɪ] leme

192. [' lõna] lona

193. [' luta] luta

194. ['lizu] liso
 195. [ka'ladu] calado
 196. ['kalo] calo
 197. ['plãna] plana
 198. [sa'lejru] saleiro

Em final de sílaba, o fonema /l/ realiza-se como [w], aproximante velar.

199. [kã'naw] canal
 200. ['saw] sal
 201. ['sawdo] saldo

Em espanhol, o fonema /l/ apresenta-se uniforme em todos os dialetos.

202. ['laðo] lado
 203. ['lema] lema
 204. ['loko] loco
 205. ['sał] sal
 206. ['silaβa] sílaba

A vocalização do fonema /l/ em língua portuguesa prejudica o reconhecimento do /l/ em final de sílaba no espanhol. O trabalho pedagógico deve ser feito de forma exaustiva para o aprendiz desfazer-se dessa interferência da língua materna.

O fonema /ʎ/ apresenta-se na fala de poucos falantes do português brasileiro. Muitas vezes uma lateral alveolar ou dental palatalizada transcrita por [lʲ] realiza-se na maioria das falas.

207. ['maʎa] malha ou [vmaʎa] malha
 208. [te'ʎado] telhado ou [te'ʎ̥ado] telhado

Em espanhol, o fonema /ʎ/ realiza-se como [ʎ] em posição inicial de sílaba.

209. ['kaʎe] calle
 210. [ga'ʎina] gallina
 211. ['ʎaβe] llave

Em alguns dialetos, nessa mesma posição, realiza-se como [dʒ].

212. ['kadʒe] calle
 213. [ga 'dʒina] gallina
 214. ['dʒave] llave
 215. ['dʒanto] llanto

Essa variação ocorre de forma frequente, tendo muitas vezes maior ocorrência que o /ʎ/. É o fenômeno chamado de 'yeísmo', quando pronunciamos o /ʎ/ por [dʒ].

2) Vibrantes

As consoantes vibrantes são caracterizadas pela vibração produzida pelo articulador ativo que toca algumas vezes o articulador passivo.

	Português	Espanhol
Thrill	r	r

Quadro 6: vibrantes em Português e Espanhol

a) O thrill

O fonema /r /, vibrante múltipla do português, ocorre em posição intervocálica, em início de palavra e seguindo consoante em outra sílaba.

216. [karu] Carro
 217. ['ratu] Rato
 218. [izra 'el] Israel

No dialeto de Maceió, thrill, normalmente não se realiza, sendo substituído por uma fricativa glotal surda ou sofre apagamento em final de sílaba antes de consoantes surdas e em final de palavra.

219. ['korpu] → ['kohpu]
 220. ['lar] → ['lah] ou ['la] lar

Acontece também em final de sílaba em meio de palavra ou em final de sílaba que coincide com final de palavra, nesses casos é representado pelo arquifonema /R/, também chamado /R/ posvocálico.

221. ['marɾ] ou ['maR] mar

222. ['karta] ou ['kaRta] carta

O arquifonema /R/ pode realizar-se através das variações [x, h, ñ, γ].

223. ['toxta] torto

224. ['pohka] porca

225. ['lafga] larga

226. ['koyda] corda

O fonema /r/ em espanhol é equivalente ao 'rr' ortográfico e ao 'r' simples, ocorre em posição intervocálica, em início de sílaba, tanto inicial como medial e seguindo consoante em outra sílaba.

227. ['pero] perro

228. ['roka] roca

229. [en 'redo] enredo

b) O tepe

Na consoante /r/, o articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo, produzindo uma ligeira obstrução na passagem da corrente de ar pela boca.

	Português	Espanhol
Tepe	r	r

Quadro 7: vibrantes em Português e Espanhol

O fonema /r/ apresenta-se de forma uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante na mesma sílaba em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental, em variação livre.

230. ['kara] cara

231. ['pɾata] prata

O fonema /r/ em espanhol realiza-se de forma uniforme em posição intervocálica, seguindo consoante na mesma sílaba e em posição final de sílaba seguido de consoante.

232.['koro] coro

233.['sangre] sangre

234.[¹ korto] corto

235.[¹ orden] orden

O fonema /r/ pode causar certo transtorno para o estudante brasileiro, pois ele também se apresenta em posição final de sílaba seguido de consoante em espanhol. Ademais, quantidade de variações representadas pelo arquifonema /R/ da língua portuguesa são empecilhos para a realização correta do trill e do tepe, pois os estudantes brasileiros têm que eliminar essas variações na pronúncia e ainda identificar o ambiente correto para utilizar o /r/ ou o /r/, haja vista, estes se manifestam em algumas vezes em posição intervocálica.

3.2.2 Os sistemas vocálicos

Passamos à exposição e à análise das vogais da língua portuguesa e da língua espanhola. Analisaremos os fonemas vocálicos seguindo os parâmetros articulatórios para descrição, que são: i) altura da língua, que se refere à altura ocupada pela língua durante a articulação, podendo ser alta, media-alta, media baixa e baixa; ii) arredondamento dos lábios, classificados como arredondados ou não-arredondados e iii) anterioridade/posterioridade da língua, que diz respeito à posição do corpo da língua na dimensão horizontal no momento da articulação do segmento vocálico.

ESPANHOL	ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
	Port	Esp	Port	Esp	Port	Esp
Altas	i	i			u	u
Médias	e ɛ	e			o ɔ	o
Baixa			a	a		

Quadro 8: Quadro contrastivo dos fonemas vocálicos do Português e do Espanhol

Como podemos ver no quadro acima, o sistema vocálico do Português possui dois fonemas que não existem em Espanhol: as vogais médias /ɛ/ e posterior /ɔ/.

Podemos dizer que o sistema vocálico do português é composto por 7 fonemas: /i, e, ɛ, u, a, o, ɔ, u/, se levarmos em conta a posição acentuada. Desde que existe alofonia para todas as vogais portuguesas, e desde que essas alofonias, por vezes, se sobrepõem, faremos a

distribuição alofônica das vogais orais do português, de forma resumida e considerando a variedade de Português falada em Maceió, visto que os nossos alunos de Espanhol são falantes dessa variedade.

As sete vogais orais realizam-se todas em posição acentuada:

- 236. [po 'ti] ti
- 237. ['vidə] vida
- 238. [po 'litikə] política
- 239. [sa 'pe] sapê
- 240. ['sedi] sede
- 241. ['bebadu] bêbado
- 242. ['pe] pé
- 243. [ka 'fe] café
- 244. ['metru] metro
- 245. ['ma] má
- 246. ['karə] cara
- 247. [pa 'ra] Pará
- 248. ['do] dó
- 249. [de 'votu] devoto
- 250. [kə 'loki] coloque
- 251. ['fogu] fogo
- 252. ['foru] choro
- 253. [ʃu 'ʃu] chuchu
- 254. ['duru] duro
- 255. ['fũ mu] fumo

O fato de existirem dois fonemas /ɛ/ e /ɔ/ em português sugere que tenhamos mais atenção a essa distinção na fala na aprendizagem de língua estrangeira, pois o falante de português reconhece sua importância para o estabelecimento de significados na LM. Essa

distinção, que é imprescindível para a comunicação em português, se reflete na aprendizagem do espanhol por brasileiros, pois na língua espanhola essa diferença acontece por variação dialetal ou variação livre, mas não como distinção fonológica, ocasionando problemas para a pronúncia.

De acordo com Mattoso Câmara (1997) o sistema de sete vogais orais /i, e, ε, a, o, ɔ, u/ que se realizam em sílaba acentuada, reduz-se para cinco /i, e, o, u, a/, em sílaba não acentuada.

- 256. [po 'litikə] política
- 257. [es 'tabulɔ] estábulo
- 258. [es 'tepi] estepe
- 259. [to 'matɪ] tomate
- 260. [ta 'bakɔ] tabako

Em posição não acentuada final, encontramos apenas [ɪ, ə, ʊ]

- 261. ['livɪ] livre
- 262. ['dribli] drible
- 263. [kon 'vitɪ] convite
- 264. ['kazə] casa
- 265. ['mapə] mapa
- 266. ['tatʊ] tato
- 267. ['tipʊ] tipo

Essa variação é muito comum no nordeste brasileiro, sendo um traço característico da fala. Podemos falar que essa variação em Alagoas ocorre na norma culta e na fala coloquial dos falantes, sem problemas de preconceito lingüístico. A variação de / e, a, o/ com o [ɪ, ə, ʊ] respectivamente interfere no registro escrito, pois essas vogais são grafadas tomando-se como base representação fonológica.

Todas as vogais orais, com exceção das médias baixas [ε, ɔ], podem realizar-se nasalizadas²². Na variedade de Maceió (que estamos observando mais de perto, por ser a

²² Na verdade, Cristóvão Silva (2005) afirma que as vogais que se nasalizam são exatamente as vogais abertas.

variedade que utilizamos como falante nativa) essas vogais /i u a e o/ realizam-se nasais antes de consoante nasal.²³

268. [' p̃rĩmə] prima
 269. [' fĩnʊ] fino
 270. [ka ' r̃ĩjʊ] carinho
 271. [femi ' ñĩnʊ] feminino
 272. [sĩ ' jə] sinhá
 273. [' gẽmə] gema
 274. [' pẽnə] pena
 275. [' sɛjə] senha
 276. [tẽ ' midʊ] temido
 277. [' tẽnɔr] tenor
 278. [sẽ ' jɔrə] senhora
 279. [' kãmpʊ] campo
 280. [' prãntʊ] pranto
 281. [' kãnʊ] cano
 282. [fa ' sãjə] façanha
 283. [ʃã ' madə] chamada
 284. [parã ' na] Paraná
 285. [akõpã ' jadə] acompanhada
 286. [' kõmʊ] como
 287. [' kõtʊ] conto
 288. [' sõjɪ] sonhe
 289. [' võ ' tadɪ] vontade
 290. [sõjɪ ' doh] sonhador
 291. [kõ ' ʒũtʊ] conjunto

²³ Existem exceções para a regra de nasalização antes de consoante nasal no português brasileiro.

292. ['prũmʊ] prumo
 293. [a 'zũjɐ] azunha
 294. [komũ 'jãw] comunhão
 295. [kũ 'jadʊ] cunhado

A nasalização das vogais do PB, principalmente nessa variedade que nasaliza também em posição não acentuada, pode interferir na produção oral na aprendizagem de espanhol por alunos brasileiros, pois a realização prolongada das vogais nasalizadas em português não ocorre em espanhol.

As vogais altas /i, u/ sofrem um mesmo processo: ambas se realizam como semivogais quando ocorrem na margem da sílaba. Assim, /i/ realiza-se como [j] e /u/ realiza-se como [w].

296. [kan 'tej] cantei
 297. ['lejti] leite
 298. ['vaj] vai
 299. ['kojtu] coito
 300. [kuj 'dadʊ] cuidado
 301. [par 'tiw] partiu
 302. ['kowru] couro
 303. ['awla] aula
 304. ['mew] meu

As vogais médias altas /e, o/ sofrem um mesmo processo: realizam-se como [i] e [u], respectivamente em sílaba não-acentuada. No nosso dialeto, elas podem ainda se realizar como [ɛ] e [ɔ].

305. [me 'ninʊ] ou [mi 'nino] ou [mɛ 'nino] menino
 306. [novi 'dade] ou [nuvi 'dade] ou [nɔvi 'dade] novidade

As vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ realizam-se sempre como [ɛ] e [ɔ]. Quer dizer, elas não sofrem nenhum processo e só ocorrem em sílaba acentuada, de acordo com Mattoso Câmara. Entretanto, no dialeto sob estudo, elas podem ocorrer em sílaba não acentuada, como

vimos acima, e tano em sílaba póstonica, como em [nũmeru] “número”, quanto pretônica, com em [nũmerah] “ numerar”.

A vogal central baixa /a/, além da nasalização já descrita, apenas se reduz para [ə] em posição não acentuada final, como já foi dito antes.

307. [' vakə] vaca

308. [' dãmə] dama

Os fonemas vocálicos da língua espanhola são cinco /a, e, i, o, u/. As cinco vogais aparecem em modalidades distintas: /a/ media e os outros fonemas vocálicos fechados /e, i, o, u/. “As diferenças que distinguem entre si as três modalidades de cada vogal são relativamente pequenas; mas são logo suficientemente perceptíveis para que devam ser tidas em conta não somente na análise fonética especial, mas também no ensino do idioma” (TOMAS, 1989, p.70)²⁴

A existência da modalidade relaxada e aberta nas vogais não vai ser descrita nesta análise por não ser considerada distintiva. Por estarmos fazendo uma descrição fonológica, nos deteremos apenas nas distinções fonológicas, pois constitui uma contribuição importante para o ensino de língua estrangeira. Para Llorach (1981) “Os cinco fonemas vocálicos apresentam ademais uma realização fonética em posição fraca, condicionada pelo acento da palavra. Esta variante relaxada não tem valor distintivo algum, posto que não serve para a diferenciação significativa das palavras.” LLORACH, 1981, p. 150)²⁵

As cinco vogais orais espanholas realizam-se em todas as posições, com algumas restrições para as vogais /i, u/ em posição final:

309. [' kama] cama

310. [' peso] peso

311. [' piso] piso

312. [' poko] poco

313. [' duda] duda

314. [' karne] carne

²⁴ “Las diferencias que distinguen entre sí las tres modalidades de cada vocal son relativamente pequeñas; pero resultan desde luego suficientemente perceptibles para que deban ser tenidas en cuenta no solo en el análisis fonético especial, sino en la enseñanza del idioma.” (TOMAS, 1989, p.70)

²⁵ “Los cinco fonemas vocálicos presentan además una realización fonética especial en posición débil, condicionada por el acento de la palabra. Esta variante relajada no tiene valor distintivo alguno, puesto que no sirve para a la diferenciación significativa de las palabras.” (LLORACH, 1981, p. 150).

A observação das vogais em pares mínimos nos faz perceber que as cinco vogais aparecem em todas as posições da palavra, havendo apenas algumas restrições ao aparecimento em sílaba final dos fonemas fechados /i, u/. Isso quer dizer que os fonemas /i, u/ somente aparecem em final de sílaba em alguns casos. Podemos encontrar esse fenômeno em formas verbais, quando a vogal não é o núcleo da sílaba,

315. [kan 'tastejs] Cantasteis

Em cultismos,

316. [es 'piritu] Espiritu

nos vários *itis* da medicina,

317. [apendi 'sitis] Apendicitis

Em expressões familiares,

318. ['luci] Luci

319. ['maru] Maru

Em empréstimos,

320. ['tenis] tenis

Ocorre a nasalização das vogais orais quando estas se realizam antes de pausa e consoante nasal (exemplos 321, 322, 323) ou entre duas consoantes nasais (exemplos 324, 325, 326)

321. ['ãno] año

322. ['ũa] una

323. ['ñjno] niño

324. [feme ' ñino] feminino

325. [' mẽ nos] menos

326. [mõ ' neđa] moneda

As vogais altas /i, u/ realizam-se como semivogais quando ocorrem na margem da sílaba. Assim, /i/ realiza-se como [j] e /u/ realiza-se como [w]. O processo é exatamente igual ao que ocorre em Português.

327. [' bajle] baile
 328. [es ' toj] estoy
 329. [' soj] soy
 330. [a ' θejte] aceite
 331. [kuj ' ðaðo] cuidado
 332. [' awla] aula

Podemos considerar como sendo uma realização oral aberta das vogais /e, o/ nas seguintes situações:

- em contato com vibrante múltiple /r/,

333. [era ' mjnta] herramienta
 334. [tɛ ' ror] terror
 335. [θɛ ' rado] cerrado
 336. [' rɔsa] rosa
 337. [por ' terɔ] portero

- diante de /x/,

338. [' ɔxo] ojo
 339. [ɔxa ' la] ojalá

- em sílaba travada,

340. [de ' fɛkto] defecto
 341. [per ' fɛkto] perfecto
 342. [es ' pɛhto] esperto
 343. [as ' pɛkto] aspecto

- nos ditongo aberto 'ei' e 'oi'

344. [rɛj ' nado] reinado
 345. [pɛj ' ne] peine
 346. [e ' rɔiko] Heróico

347. ['oiyo] oigo

Podemos dizer também, que vemos nestas palavras o fonema /o/ realizar-se como [ɔ]

348. [a 'ɔra] ahora

349. [la 'ɔla] la ola

A vogal central baixa /a/ apenas se reduz para [ɔ] em posição não acentuada final, como já foi dito antes.

350. ['bakə] vaca

Como foi explicitada anteriormente, a análise da abertura das vogais espanholas está exposta para demonstrar que este fenômeno também ocorre neste idioma, sendo importante para a produção e compreensão oral, mas não afetam o sentido das palavras.

“O emprego do matiz aberto pelo fechado ou vice-versa, dentro de cada tipo, não afeta a significação das palavras. Estes feitos têm servido de base para a divulgada e errônea opinião de que as vogais espanholas são pura e simplesmente os cinco fonemas subjacentes, a, e, i, o, u com um unico som para cada vogal” (TOMAS, 1989, p.74)²⁶

É importante comentar essa explicação de Navarro (1989), pois para o ensino de línguas estrangeiras é salutar esclarecer essas informações complementares que aparecem como fatos/sons frequentemente na oralidade, pois com essas explicações, os mitos acerca do sistema vocálico do espanhol vão se esclarecendo e conseqüentemente auxiliando os professores nas suas atividades de compreensão auditiva e produção oral.

Também é necessário observar que, em algumas situações, essa diferença fonética estabelece diferença dialetal e de registro social. “Vários dos traços que distinguem a pronúncia correta da cotidiana ou dialetal, consistem em que em determinados casos, as vogais, inclusive se encontrando nas mesmas circunstâncias, apresentam diferente matiz, segundo a modalidade social ou dialetal de que se trate” (TOMAS, 1989, p.74)²⁷

²⁶“El empleo del matiz abierto por el cerrado o viceversa, dentro de cada tipo, no afecta a la significación de las palabras. Estos hechos han servido de base a la divulgada y errónea opinión de que la vocales españolas son pura y simplemente los cinco fonemas fundamentales, a, e, i, o, u, con un solo sonido para cada vocal.” (TOMAS, 1989, p.74)

²⁷ “Varios de los rasgos que distinguen la pronunciación correcta de la vulgar o dialectal, consisten precisamente en que en determinados casos, las vocales, aun hallándose en las mismas circunstancias, presentan diferente matiz, según la modalidad social o dialectal de que se trate”. (NAVARRO, 1989, p.74)

A observação que podemos fazer é que o sistema vocálico da língua portuguesa nos oferece uma maior quantidade de fonemas vocálicos. Acreditamos que este ponto deve ser considerado para o ensino de língua espanhola no Brasil, pois ajuda aos professores a compreenderem porque os alunos brasileiros de espanhol sempre estão a estabelecer diferenças entre as vogais em suas pronúncias porque, além se esmerar para realizar foneticamente o som, têm que eliminar os fonemas distintivos que são importantes de sua língua materna e escolher o fonema correto para a enunciação em espanhol. Vale salientar que essa diferença deve ser bem esclarecida para o ensino de português para estrangeiros.

Os fonemas vocálicos da língua portuguesa interferem na aprendizagem de espanhol/LE, pois, enquanto temos vogais médias abertas que são distintivas, vogais nasalizadas e variações nos fonemas, nos deparamos com o sistema espanhol com menor quantidade de fonemas e de variações. A diversidade que temos para expressar as vogais portuguesas faz com que o aluno esteja sempre lutando contra a interferência da LM, pois a tarefa não é somente aprender os fonemas da língua espanhola, mas eliminar a diversificação de possibilidades da LM.

Quanto ao sistema vocálico do espanhol, é importante perceber que os fonemas na modalidade fechados se apresentam com maior frequência na língua espanhola, porém o estudo detalhado nos faz entender que a modalidade da abertura é tanto real, quanto respeitável, pois é perceptível aos ouvidos dos nativos e vista com estranheza, causando um desconforto aos falantes estrangeiros. Isso quer dizer que em português existem vogais médias abertas que são fonêmicas, enquanto que em espanhol existem vogais médias abertas que são alofones posicionais. Mesmo sendo alofones posicionais, carregam distinções não fonêmicas consideráveis para a pronúncia.

Vemos que existem contrastes nos dois idiomas que são importantes para a realização correta dos aprendizes brasileiros de espanhol, não bastando apenas descrever as línguas separadamente. É necessário demonstrar as diferenças nos modos e pontos de articulação, para poder guiar corretamente o aluno na realização de fonemas distintos. A compreensão desse quadro contrastivo deve estar compreensível tanto para o professor quanto para o aprendiz.

Muito se questiona sobre os estudos contrastivos, sua validade para o ensino de língua estrangeira, como predição de erros que nunca são testados em sala de aula, porém sabemos que estudos dessa natureza fundamentam muito do vivido entre alunos e professores. Para Guillemas (2004, p. 11), o ensino de língua estrangeira é algo a ser questionado sempre

em busca de novas soluções, aproveitando as contribuições da análise contrastiva, como quando ele afirma o seguinte:

Todos sabem que a teoria funciona, mas que a prática não é tão fácil, é mais, sabemos que os erros provêm de muitas causas, uma delas a língua materna, e também sabemos que o aluno não é uma máquina que aprende por repetição e que não há dois alunos iguais. Haverá que seguir buscando (GUILLEMAS, 2004, p. 11).²⁸

Hoje já existem muitos estudos contrastivos visando ao aprofundamento das questões que dificultam a aprendizagem de espanhol por parte dos brasileiros, porém fazemos pouco uso dos conhecimentos, ou mesmo não os divulgamos, como afirma Pérez (2004, p.33) sobre os materiais produzidos sobre a análise contrastiva. A explicação sobre a diferença no inventário de fonemas entre o português e o espanhol no início e durante a aprendizagem de LE reduziria alguns problemas de fossilização existentes em alunos de fases avançadas, ou seja, apenas a simples mudança de atitude do professor em relação aos aspectos fonético-fonológicos das línguas incentivaria o aluno a observar a LM e a LE contrastivamente. E assim sendo feito, levaria os alunos a compreenderem as reais dificuldades que eles têm de enfrentar na aprendizagem da língua espanhola/LE, sobretudo evidenciaríamos em fases mais avançadas a menor incidência de realizações fonêmicas incorretas.

²⁸ Todos sabemos que la teoría funciona, pero que la práctica no es tan fácil, es más, sabemos que los errores provienen de muchas causas, unas de ellas la lengua materna y también sabemos que el alumno no es una máquina que aprende por repetición y que no hay dos alumnos iguales. Habrá que seguir buscando. (GUILLEMAS, 2004, p. 11).

CAPÍTULO IV: A RELAÇÃO ENTRE A FONÉTICA-FONOLOGIA E A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA ESPANHOLA

No presente capítulo, apresentaremos as relações encontradas entre a fonética-fonologia e a ortografia, na língua portuguesa e na língua espanhola, apontando aspectos importantes para o ensino da língua estrangeira. Faremos uma exposição da relação intrínseca da fonologia para a aprendizagem da ortografia das línguas, como também demonstraremos através da análise em quadros contrastivos entre fonologia e ortografia os traços que entrecruzam o som com a grafia entre estes idiomas. Todas as exposições têm um posicionamento pedagógico, pois estabelecem as diferenças entre os sistemas línguísticos citados e explicam os lugares de maior dificuldade para o aprendiz brasileiro de espanhol. Esse olhar mais aprofundado sobre fonética, fonologia e a ortografia é necessário na aprendizagem de LE, atendendo assim ao desenvolvimento das quatro habilidades (compreensão oral e escrita, produção oral e escrita).

4.1 Fonologia e ortografia

Ao encontrar neste estudo lacunas para a aprendizagem dos alunos no tocante aos sons, nos aprofundamos nos conhecimentos da fonologia, ciência que estuda os sons da língua, analisando os fonemas, distinguindo-os dos demais e contrastando com a língua estrangeira.

Todavia, as noções sobre os sons resvalam no estudo da ortografia, pois durante o processo de aprendizagem os indivíduos procuram sustentação teórica e justificação para os fatos da língua na produção oral e escrita. Por isso, buscamos amparo na ortografia, palavra que se origina das palavras gregas “*orhto*”, que significa correto, e “*graphos*” que significa escrita, o que quer dizer que a ortografia é a forma correta de escrever as palavras, definindo o conjunto de símbolos e de que forma devem ser utilizados, a pontuação e o uso das maiúsculas. A ortografia busca através de símbolos escritos transcrever, por aproximação, os sons de uma determinada língua. A ortografia pode estar baseada na fonética-fonologia (correspondência da letra com o som), morfologia, sintaxe, semântica e/ou na etimologia (correspondência da letra com a história, gramática e usos tradicionais).

Por existir uma relação intrínseca dessas ciências para com a aprendizagem de línguas, vemos que existe a necessidade de analisarmos a língua portuguesa e a língua espanhola, observando por esses dois ângulos as relações que se estabelecem para o processo.

O estudo dessas duas vertentes nos encaminha para direcionamentos que vêm esclarecer os fenômenos da língua sem sobrepujar uma à outra, sobretudo porque os estudos integrados fortalecem as metodologias de sala de aula, encontrando justificativas para os obstáculos de sala de aula e construindo atalhos para os objetivos.

Nessa perspectiva de análise das línguas de forma integradora entre a fonologia e a ortografia, conduzimos essa análise das línguas relacionadas. Na análise do capítulo III observamos os sistemas linguísticos sob a visão da fonologia, neste capítulo observamos os fonemas e suas variações para analisar a afinidade dos sons com a grafia, estabelecendo um olhar crítico para a relação entre a fonologia e a ortografia no ensino-aprendizagem de Espanhol/LE para brasileiros.

Segundo Mosterín (1981), a escrita tem uma dependência com a língua falada porque as duas têm a mesma função, transmitir mensagens através do tempo.

A escrita é um código de comunicação suplementar e complementar da língua. Nós a empregamos para codificar as mensagens da língua. Nós a empregamos para codificar as mensagens da língua onde a voz não chega, transmitindo-as e conservando-as através do tempo e do espaço MOSTERÍN, 1981, p. 28).²⁹

É com o intuito de refletir sobre as questões fonológicas e ortográficas que analisamos a língua portuguesa e a língua espanhola, encontrando um viés que conduza esta análise para uma contribuição para o ensino de línguas estrangeiras. Quer dizer, entender como fala e escrita se articulam para poder interagir em sala de aula, oferecendo um subsídio coerente, pois as relações que existem são estabelecidas entre o sistema fonológico, numa perspectiva contrastiva, e o sistema de escrita de cada língua.

Vale lembrar que nas escolas oficiais o aluno aprende primeiro a ler e escrever em língua materna para depois aprender os sons e a ortografia da língua estrangeira. Por isso muito do que será demonstrado deve-se à primazia da língua materna frente à LE.

Do mesmo modo como no capítulo anterior, e aproveitando os resultados ali obtidos, faremos a descrição contrastiva considerando as classes de sons.

4.2 Descrição contrastiva dos sistemas fonológicos e ortográficos do Português e do Espanhol

²⁹ La escritura es un código de comunicación supletorio e complementario de la lengua. La empleamos para codificar los mensajes de la lengua. La empleamos para codificar los mensajes de la lengua allí donde la voz no llega, transmitiéndolos y conservándolos a través del tiempo y del espacio. (MOSTERÍN, 1981, p. 28).

Apresentamos nesta descrição os fonemas, alofones e letras da língua portuguesa e da língua espanhola, tecendo algumas considerações sobre as implicações das semelhanças e das diferenças para o ensino da língua /LE para brasileiros.

4.2.1 Consoantes oclusivas

No quadro abaixo, podemos observar os fonemas oclusivos, seus alofones e os símbolos gráficos utilizados para representá-los em cada sistema de escrita.

	OCLUSIVAS					
	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonemas	Alofones	Letras	Fonemas	Alofones	Letras
Bilabial	/p/	[p]	p	/p/	[p, β]	p
	/b/	[b]	b	/b/	[b, β]	b, v, w
Alveolar	/t/	[t̟ t̠ t̡ t̢]	t	/t/	[t, θ]	t
	/d/	[d̟ d̠ d̡ d̢]	d	/d/	[d, ð]	d
Velar	/k/	[k]	k, c, x, qu	/k/	[k]	k, c, x, qu
	/g/	[g]	g, gu	/g/	[g, ɣ]	g, gu

Quadro 1: consoantes oclusivas, alofones e letras correspondentes em português e espanhol

1) Oclusivas surdas

O fonema /p/ é representado na ortografia do Português pela letra ‘p’. Como vimos na análise contrastiva dos sistemas fonológicos, no Capítulo III, a fonema /p/ se realiza uniformemente em todos os dialetos do português brasileiro e em todo e qualquer ambiente. Assim, a grafia desse som não apresenta um problema para a aquisição da escrita em português pelos falantes de Português.

Em espanhol o fonema /p/ é representado na ortografia pela letra ‘p’. Entretanto, apresenta variações fonéticas em ambientes diferentes, levando até ao apagamento na fala e na escrita normalmente em grupo inicial seguido

de /s/. “... nos compostos con pseudo chega já a se omitir o p na escrita” (TOMAS,1989, p. 84)³⁰

Fonológica	Fonética	Ortográfica
1. /pseudocrítica/	[pseudo 'kritica] ou [seudo 'kritica]	Pseudocrítica / <i>pseudocrítica</i>
2. /pseudoerudito]	[psewdoeru 'dito] ou [sewdoeru 'dito]	pseudoerudito / <i>pseudoerudito</i>

Na fala fluente, em posição não acentuada, /p/ realiza-se como [β], fricativa, justificando, assim, que o aluno ao escutar um som semelhante ao /b/, que é o fonema em Português e não apresenta variação, não transcreva a letra ‘p’, mas a letra b. Assim, é possível prever esse erro de grafia podem ser cometidos nesse ponto.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico	previsível
3. /Adopción/	[adoβ 'θjon]	adopción/ <i>adoção</i>	adobción	
4. /konθeβ 'θjon/	[konθeβ 'θjon]	concepción/ <i>concepção</i>	concebción	

Verificamos que existe uma variação fonética do /p/ para o [β] na língua espanhola, que não é distintiva, tampouco causa modificações no significado. Porém, em grupos iniciais seguidos de ‘s’, como ‘pseudo’, a sua escrita é facultada. Esse fenômeno não incorre em grandes dificuldades para o aluno, somente requer atenção para sua execução na fala e sua percepção para a escrita, enquanto registro dialetal.

O fonema /t/ não se apresenta de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, mas é sempre representado uniformemente pela letra ‘t’. Pode realizar-se como [tʃ] ou como [tʰ] em alguns dialetos do sudeste brasileiro, podendo ocorrer em regiões menos delimitadas como norte e nordeste, porém não afeta a compreensão perceptiva nem semântica³¹. Os alofones não alteram a escrita da letra ‘t’.

³⁰ “...en los compuestos con *pseudo* llega ya a omitirse la *p* hasta en la escritura”. (TOMAS,1989, p. 84)

³¹ Vale salientar, que essa variação pode funcionar ao contrário, causando problemas para falantes de Espanhol que estão aprendendo Português. Isso pode ser importante não só na aprendizagem de espanhol, mas na formação de professores de LE, pois o professor de espanhol pode ser professor de português para falantes de espanhol.

Fonológica	Fonética	Ortográfica
5. /tiara/	[tʃiˈara]	tiara
6. /tia/	[ˈtʃia]	tia
7. /santo/	[ˈsãt̃o]	santo
8. /coito/	[ˈkojt̃o]	coito

O fonema /t/, representado pela letra ‘t’ não se apresenta em espanhol uniforme em todos os dialetos, mas grafa-se com a letra ‘t’ em todas as palavras. Em pronúncia fluente, realiza-se como uma fricativa dental sonora [ð].

Fonológica	Fonética	Ortográfica
9. /atlas/	[ˈaðlas]	atlas
10. /ritmo/	[ˈriðmo]	ritmo

Essas particularidades do fonema /t/ em português e em espanhol não apresentam problemas de significação, porém podem causar dificuldades na produção escrita dos aprendizes, em termos tanto de produção quanto de recepção.

O fonema /k/ apresenta-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, sendo representado pelas letras ‘c, qu, k e x’.

Em espanhol, o fonema /k/ realiza-se uniforme em todos os dialetos, e também pode ser representado pelas letras ‘c, q, k e x’.

Este fonema apresenta-se de forma semelhante nos dois idiomas na escrita, por isso não oferece dificuldades para o aluno brasileiro na leitura. Essa diversidade de letras para representar o fonema /k/ na escrita é que resulta em muitos problemas para o registro das letras tanto em português quanto em espanhol.

2) Oclusivas sonoras

O fonema /b/ tem sua representação ortográfica ‘b’ uniforme em todos os dialetos do português brasileiro.

Em espanhol /b/ é representado por ‘b’, ocorrendo em inicial absoluta depois de pausa e em interior de grupo antecedido de nasal, Apresenta também variação, realizando-se como a bilabial fricativa sonora [β]. Na escrita, tanto /b/ quanto [β] podem ser representado por ‘b’

ou ‘v’ em alguns casos por ‘w’, sendo uma problema para a produção oral e escrita dos aprendizes.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
11. /bamos/	[' bamos] [' βamos]	ou Vamos/ <i>vamos</i>	Bamos
12. /inbitación/	[inbita ' ción]	Invitación/ <i>convite</i>	Inbitación

E em algumas palavras de origem germânica,

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
13. /bagneriano/	[bagneri ' ano]	Wagneriano/ Wagneriano	Bagneriano

Segundo a Real Academia Espanhola, algumas palavras pouco utilizadas ainda são escritas com ‘w’.

Em palavras totalmente incorporadas ao idioma, a grafia *w* tem sido substituída por *v* simples: *vagón*, *vals*, *vatio*; ou por *b*: *bismuto*. Em palavras de uso menos frequente alternam as duas grafias, como ocorre em *wolframio/volfranio*; ou existem duas variantes, uma mais próxima a palavra de origem y outra adaptada, como *wellingtonnia*; *velintonia* (REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 1999, p.13).³²

As variações do fonema /b/ em espanhol são perceptíveis ao aluno brasileiro, muitas vezes oscilando na produção escrita entre a letra ‘b’ e a letra ‘v’, pois o fonema /b/ pode ser escrito por ‘b’ ou ‘v’ e o som de [β] em vários ambientes e registros dialetais é compreendido como um ‘v’, causando, assim, dúvidas na hora de escrever, tanto para os espanhóis quanto para os brasileiros.

O fonema /d / realiza-se de forma não uniforme no português brasileiro, podendo aparecer como [dʒ] na pronúncia típica do sudeste brasileiro ou em regiões menos delimitadas como norte e nordeste, porém é uniforme na ortografia, sendo representado pela letra ‘d’. A

³² En palabras totalmente incorporadas al idioma, la grafía *w* ha sido reemplazada por *v* simple: *vagón*, *vals*, *vatio*; o por *b*: *bismuto*. En palabras de uso menos frecuente alternan las dos grafías, como sucede en *wolframio/volfranio*; o existen dos variantes, una más próxima a la palabra de origen y otra adaptada, como *wellingtonnia*; *velintonia*. (REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 1999, p.13).

variação do fonema /d/ por [dʒ] pode causar problemas na aprendizagem de português para espanhóis, haja vista este som poder ser representado em Espanhol por ‘y’ e ‘ll’ em alguns ambientes.

Este fonema também não ocorre uniforme em todos os dialetos do espanhol, podendo realizar-se como [ð], mas é representado pela letra ‘d’, uniformemente.

Em posição final de sílaba final muitas vezes se suprime o /d/ ou ele se torna fricativo.

Exemplos:

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
14. /madri/	[ma ' dri] [ma ' drið]	ou Madrid/ <i>Madri</i>	Madri
15. /virtud/	[vir ' tu] ou [vir ' tuð]	Virtud/ <i>virtude</i>	Virtu

Do mesmo modo, os alunos brasileiros podem adicionar o fonema /e/ ao /d/ em espanhol. Porém, o ‘d’ em final de palavra é sempre lido e escrito por alunos brasileiros conjuntamente com a vogal ‘e’, contrariamente ao seu quase apagamento na pronúncia espanhola.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
16. /felisida/	[felisi ' dad] [felisi ' ðad]	ou felicidad/ <i>felicidade</i>	felicidade

O fonema /d/ nos participios formados por ‘ado’ se reduz ou mesmo se perde, provocando o fechamento do /o/ em /u/.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
17. /xusgado/	[xus ' gaðo] [a ' maw]	ou amado/ <i>amado</i>	amao

18. /kantado/	[kan ' taðo]ou [kan ' taw]	cantado/ <i>cantado</i>	cantão
---------------	-------------------------------	-------------------------	--------

O fonema /d/ e suas variações dialetais no sistema do português e do espanhol causam interferências na pronúncia e são problemáticas para a escrita. A audição de variações e apagamentos origina dúvidas no aprendiz na escritura.

O fonema /g/ realiza-se de forma uniforme na fala e na escrita, representado na ortografia pela letra 'g' ou pelo dígrafo 'gu' em português do Brasil.

Em espanhol, o fonema /g/ não se realiza uniformemente, tendo como variante o [ɣ]. É representado ortograficamente pelas letras 'g' e 'gu'. A sua pronúncia, conforme vimos anteriormente, varia de acordo com o ambiente em que se encontra. Em outros termos, há variação alofônica. Assim, é provável que o aprendiz de espanhol LE, habituado à leitura em Português, onde a letra 'g' ou o dígrafo 'gu' representam o fonema /g/, invariável, tenha dificuldade para identificar ou realizar as pronúncias variantes do Espanhol.

Em pronúncia rápida ou relaxada, os falantes costumam apagá-lo.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
19. / dogma /	[' dogma] [' do:ma]	ou dogma/ <i>dogma</i>	doma
20. / agua /	[' agwa] ou [' awa]	agua/ <i>agua</i>	aua

Para a grafia do fonema /g/, existem problemas para os alunos. A pronúncia relaxada leva à ausência em algumas palavras ou sua realização de forma enfática leva os brasileiros a produzirem e escreverem a consoante junto com a vogal 'e' em final de sílaba. E a variação de /g/ para [ɣ] produz problemas para a audição e para a pronúncia em LE.

4.2.2 Consoantes africadas

Apresentamos abaixo um quadro com as consoantes africadas, seguido de discussão.

AFRICADAS						
Modo de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Palatal				/tʃ/	[tʃ]	ch
				/dʒ/	[dʒ]	y, ll

Quadro 2: consoantes africadas, alofones e letras correspondentes em espanhol

Os alunos brasileiros conhecem os sons dos fonemas [tʃ] e [dʒ] como variantes dos fonemas /t/ e /d/, respectivamente, mas somente os representam na escrita com as letras ‘t’ e ‘d’.

Por não reconhecer o valor distintivo de /tʃ/ em espanhol e sua escrita ‘ch’, diferente da língua materna, tendem a pronunciá-la /ʃ/ e escrevê-la com ‘t’ antes do ‘ch’, como em [ˈtʃiko], que escrevem “tchico”, e [muˈtʃatʃo], que escrevem “mutchatcho”.

Contrariamente ao português, [dʒ] realiza-se em espanhol como fonema /dʒ/ e como variante do fonema /ʎ/. Representamos o fonema /dʒ/ graficamente por ‘y’. A audição deste fonema pode causar erros na escrita.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
21. /yo/	[ˈdʒo]	yo/eu	Dio

A observação dos fonemas /tʃ/ e /dʒ/ em espanhol nos propõe a reflexão sobre a atenção que se deve dar à representação fonológica e ortográfica no fazer pedagógico. Entender o porquê dos estudantes brasileiros pronunciarem o /tʃ/ e /dʒ/ em espanhol sem tantas dificuldades e apresentarem na escrita alguns problemas faz parte do trabalho docente, pois esses ‘erros’ se devem às diferenças entre os dois sistemas fonológicos e ao fato de as representações ortográficas não serem iguais para dois sistemas linguísticos diferentes. Essas diferenças (e semelhanças) devem ser trazidas explicitamente na instrução, tornando o aluno consciente delas.

4.2.3 Consoantes fricativas

As consoantes fricativas e suas representações ortográficas nas duas línguas estão apresentadas no quadro a seguir.

FRICATIVAS						
Modo de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Labiodental	/f/	[f]	f	/f/	[f]	f
	/v/	[v]	v			
Interdental				/θ/	[θ]	c, z
Alveolar	/s/	[s, ʒ, z, ʃ, S]	s, x, z, ç, ss, x, sc, xc	/s/	[s, z, θ, ʃ, ʒ]	s, x, z
	/z/	[z]	z, s, x			
Palatal	/ʃ/	[ʃ]	ch, x			
	/ʒ/	[ʒ]	j, g			
Velar				/x/	[x]	j, g

Quadro 3: consoantes fricativas, alofones e letras correspondentes em português e espanhol

1) Fricativas surdas

O fonema /f/, como vimos no capítulo precedente, realiza-se na pronúncia uniforme em todos os dialetos do português brasileiro e em qualquer ambiente. Na ortografia, é sempre representado pela letra ‘f’. O mesmo ocorre no Espanhol. Portanto, nem a pronúncia nem a ortografia desse fonema apresentam dificuldade para os alunos na aprendizagem do espanhol.

O fonema /θ/ não se realiza uniforme nos dialetos da língua espanhola. Na escrita, ele pode ser representado por ‘c’ antes de ‘e’ e ‘i’ e por ‘z’ diante das demais vogais ou em final de palavra.

Como esse segmento não existe no inventário do Português, nem fonologicamente, nem foneticamente, a falta de uniformidade acima descrita não deveria causar problemas para a escrita, embora saibamos que os alunos apresentam dificuldade para pronunciá-lo. Entretanto, é necessário recordar o fenômeno do seseo, substituição do fonema /θ/ por [s]. Nesse caso, pode haver dificuldades para a escrita correta, com ‘c’ ou ‘z’ para ‘s’.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
22. /θerka/	[¹ serka]	cerca/ <i>próximo</i>	serca ou cerca
23. /koraθon/	[kora ¹ són]	corazón/ <i>coração</i>	corasón ou corasson ou coraçon...

O fonema /s/ não se realiza de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo se realizar como [s, z, ʃ, ʒ], tendo diversas variações dialetais e diversidade na representação ortográfica, com as letras ‘s, ç, z, c, ss, x, sc, xc’.

Essa variação e diversidade de representação na escrita podem causar interferências na pronúncia e na escrita do português e conseqüentemente no espanhol.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
24. /fuersa/	[¹ fuersa]	fuerza/ <i>força</i>	Fuersa ou fuerça
25. /naser/	[na ¹ ser]	nacer/ <i>nascer</i>	Nascer
26. /asado/	[a ¹ sado]	Asado/ <i>assado</i>	Assado

O fonema /s/ não se realiza uniformemente em todos os dialetos do espanhol e é representado na escrita pelas letras ‘s, x, z’. As várias possibilidades de letras podem causar dificuldades na escrita para os brasileiros.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
27. /xusgar/	[xus ¹ gar]	Julgar/ <i>judgar</i>	Jusgar

Vale recordar o fenômeno do ceceo, pois o /s/ realiza-se como o [θ]. Exemplos:

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
28. /solo/	[' θolo]	solo/ <i>sozinho</i>	Zolo

São, portanto, variações que podem causar dúvidas na hora de representar o fonema /s/ na escrita. A percepção da não uniformidade do fonema /s/ na observação de suas variações, tanto em português como em espanhol, revela-nos que a preocupação dos professores de alfabetização na produção oral e escrita desse fonema é recorrente no ensino de línguas estrangeiras. Todavia, essa quantidade de variações fônicas e ortográficas não devem se tornar empecilhos para as produções orais e escritas dos alunos.

O fonema /ʃ/ realiza-se de forma uniforme no português brasileiro, sendo representado ortograficamente por ‘ch’ e ‘x’. Por isso, é preciso orientar os alunos na produção oral sobre a diferença fonológica entre /ʃ/ do português e /tʃ/ do espanhol, alertando sempre que o fonema /ʃ/ tem duas representações gráficas em português (ch e x) e em espanhol somente uma (ch).

O fonema /x/ apresenta-se uniforme em todos os dialetos do espanhol, representado pelas letras ‘g’ ante ‘i’ e ‘e’ e pela letra ‘j’ em todos os demais ambientes. Vale lembrar que esse fonema, devido a sua semelhança com algumas realizações do /R/ português, sobretudo com [h] característica do dialeto aqui enfocado, pode fazer com que os alunos escrevam esta letra, provocando até mudança de sentido.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
29. /xato/	[' xato]	jato/ <i>jato</i>	rato
30. /ko ' xer/	[ko ' xer]	Coger/ <i>pegar</i>	correr

Ao trocar fato por rato trocamos em espanhol o significado de “jato” por “momento”, o mesmo acontece com *coger* por *correr*, pois aqui troca-se o significado de “pegar” por “correr”.

É importante reconhecer que o fonema /x/ tem valor distintivo em espanhol, podendo suscitar algumas dificuldades na pronúncia e na escrita pelos alunos de LE/espanhol. Contudo, com a observação dos ambientes em que aparecem citados no parágrafo anterior, as dificuldades tendem a ser sanadas.

2) Fricativas sonoras

O fonema /v/ apresenta-se de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, sendo sempre representado pela letra ‘v’.

A ausência do fonema /v/ em espanhol cria dificuldades para os alunos brasileiros na produção escrita e oral, pois normalmente estão a realizar o fonema materno /v/ na visualização da letra ‘v’ em palavras em espanhol na fala quando o correto seria a realização de uma das variantes de /b/. Na escrita podem não reconhecer quando é ‘b’ e quando é ‘v’ em espanhol, pois as duas letras podem representar o mesmo fonema, conforme anteriormente dito.

O fonema /z/ não apresenta-se de forma uniforme na fala em português e na escrita é representado pelas letras ‘z’ e ‘s’.

É importante enfatizar que o fonema /z/ está presente somente no sistema consonantal do português e não ocorre no sistema consonantal de espanhol. Portanto, é pertinente estar atento à pronúncia da letra “z” na aprendizagem de espanhol/LE, evitando a realização do fonema /z/ do português.

O fonema /ʒ/ realiza-se de forma uniforme na fala e na escrita e vem representado pela letra ‘j’ no sistema ortográfico do português. Vale lembrar sua ausência no sistema consonantal do espanhol, onde a letra “j” é usada para representar o fonema /x/.

4.2.4 Consoantes nasais

Apresentamos as consoantes nasais abaixo.

NASAIS						
Ponto de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Bilabial	/m/	[m]	m	/m/	[m]	m
Alveolar	/n/	[n]	n	/n/	[n]	n
Palatal	/ɲ/	[ɲ] [j]	nh	/ɲ/	[ɲ]	ñ

Quadro 4: consoantes nasais, seus alofones e letras correspondentes em português e espanhol

O fonema /m/ é uniforme na fala e na ortografia, onde é representado pela letra ‘m’. Em espanhol o fonema /m/ se apresenta uniforme em todos os dialetos e é, também, representado pela letra ‘m’.

O fonema /n/ ocorre de forma uniforme nos dialetos do português brasileiro, sendo representado pela letra ‘n’. Percebemos que algumas vezes apaga-se, ocorrendo a nasalização da vogal precedente. Esse fenômeno pode gerar dificuldades para o aprendiz, pois nem sempre em espanhol as vogais diante de nasal se nasalizam. Enquanto análise ortográfica, não vemos a ocorrência de erros. Em espanhol, o fonema /n/ não se apresenta uniforme em todos os dialetos, porém é uniforme na escrita, representado pela letra ‘n’.

O fonema /ɲ/ apresenta-se em menor quantidade nos dialetos do português brasileiro, porque é substituído por um glide palatal nasalizado, sendo representado pelo ‘nh’ na escrita. O fonema /ɲ/ em espanhol é representado pela letra “ñ” com um til superposto “ñ”. O fato do mesmo som ser representado na LM por ‘nh’ e na LE por ‘ñ’, faz os alunos introduzirem a grafia da LM na LE.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
31. /baɲo/	['baɲo] ou ['bãỹo]	baño/ <i>banho</i>	banho
32. /kari o/	[ka 'riɲo] [ka 'rĩỹo]	ou cariño/ <i>carinho</i>	carinho

Esse fonema /ɲ/ apresenta para os alunos brasileiros um diferencial, pois constitui a única representação gráfica distinta entre português e espanhol. Este diferencial sempre sofre interferência da língua materna, na aprendizagem de espanhol por brasileiros, pois no sistema linguístico do português não se coloca sinal de nasalização em consoante na escrita e sim nas vogais ‘a’ e ‘o’. Vejamos a explanação da Real Academia Espanhola,

Por se tratar também de um fonema não existente no latim, sua representação gráfica é muito pouco uniforme nos idiomas que descendem diretamente da língua de Roma, o catalão elegeu *ny*, o francês e o italiano preferiram *gn* e o português se decidiu por *nh*. A solução adotada por nossa língua, depois de muitas vacilações, foi

distinta. Ainda que antigamente se tenha elegido também um dígrafo, *nn*, em breve se abreviou o composto mediante un *n* com um travessão em cima. Este travessão, o til adquiriu depois a forma ondulada que conserva em nossos dias. A nova letra tem sido adotada por outros idiomas: o galego, o Vasco, o guarani, o tagalo, etc. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999, p. 26)³³

Vale sempre recordar essa diferença em sala de aula, atentando para a questão fonológica e gráfica.

4.2.5 Consoantes líquidas

As consoantes líquidas são divididas em laterais e vibrantes.

a) Laterais

Iniciamos com as consoantes laterais.

LATERAIS						
Modo de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Alveolar	/l/	[l, w]	l	/l/	[l]	l
Palatal	/ʎ/	[ʎ]	lh	/ʎ/	[ʎ]	ll

Quadro 5 : consoantes laterais, alofones e letras correspondentes em português e espanhol

O fonema /l/ não se apresenta de forma uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. Na ortografia, é representado pela letra ‘l’. Em final de sílaba, o fonema /l/ vocaliza-se para [w]. Esse fenômeno pode causar interferência na pronúncia e na escrita em espanhol.

³³ Al tratarse también de un fonema no existente en latín, su representación gráfica es muy poco uniforme en los idiomas que descienden directamente de la lengua de Roma, el catalán eligió *ny*, el francés y el italiano prefirieron *gn* y el portugués se decidió por *nh*. La solución adoptada por nuestra lengua, tras muchas vacilaciones, fue distinta. Aunque antiguamente eligió también un dígrafo, *nn*, pronto se abrevió el compuesto mediante una *n* con una raya encima. Esta raya, la tilde, adquirió después la forma ondulada que conserva en nuestros días. La nueva letra ha sido adoptada por otros idiomas: el gallego, el vascuence, el guaraní, el tagalo, etc. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999, p. 26)

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
33. /saldo/	['saldo]	saldo/ <i>saldo</i>	saudó
34. /kanal/	[ka 'nal]	canal/ <i>canal</i>	canau

O fonema /l/ apresenta-se em espanhol uniforme em todos os dialetos, como também na ortografia, onde é representado pela letra “l”.

A realização do fonema /l/ da língua portuguesa por /w/ não causa prejuízos para compreensão na LM. Esse fato da língua portuguesa pode levar o aluno aprendiz de espanhol a pensar que pode ocorrer o mesmo para o fonema /l/ de espanhol, prejudicando o reconhecimento do /l/ em final de sílaba no espanhol, produzindo assim um problema na escrita, muito corrente no português, o de escrever o ‘u’ no lugar de ‘l’³⁴.

O fonema /ʎ/ apresenta-se na fala de poucos falantes do português brasileiro e é representado pelo dígrafo ‘lh’ na escrita, podendo também ser transcrita por [lʝ] na maioria das falas e na escrita é certo encontrar o ‘lh’ substituído por ‘li’. Essa situação também leva os alunos a escrever desta forma em espanhol.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
35. /kaʎe/	['kaʎe]	calle/ <i>rua</i>	Calhe
36. /gaʎina/	[ga 'ʎina]	gallina/ <i>galinha</i>	Galhina

Um dado interessante é que em português o ‘lh’ nunca inicia palavras, enquanto que em espanhol pode iniciar palavras.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
37. /ʎabe/	['ʎabe]	ou llave/ <i>chave</i>	Liave
	['dʒabe]		
38. /ʎanto/	['ʎanto]	ou llanto/ <i>pranto</i>	Lianto
	[dʒanto]		

³⁴ Entretanto, essa troca só ocorre em fases iniciais de aquisição da escrita.

O fonema /ʎ/ aparece em espanhol, podendo ter uma variante [dʒ], mas é sempre representado por ‘ll’. Na escrita, pode ocorrer a troca do dígrafo ‘ll’ pela letra ‘y’.

A variação ocorre de forma frequente nos países de fala espanhola, causando problemas na escrita em função do /dʒ/ também ser escrito como ‘y’ em espanhol. Vejamos essa citação que se referem às letras ‘i, “y” e ll’ de espanhol.

Na pronúncia yeísta, a letra ll, que representa o fonema lateral palatal de ‘llave’, se articula com a mesma pronúncia que a letra y, quer dizer, como o fonema palatal sonoro de ‘yunque’. De forma que as pessoas yeístas pronunciam igual ‘halla’ e ‘haya’. Isso explica as dificuldades que oferece a escrita das palavras que contêm alguma dessas letras. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999 , p. 23)³⁵ .

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
39. /kaʎe/	[' kaʎe]	calle/rua	Caye
40. /gaʎina/	[ga ' ʎina]	gallina/galinha	Gayina

b) Vibrantes

As consoantes vibrantes serão discutidas abaixo.

VIBRANTES						
Modo de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Thrill	/r/	[r]	r	/r/	[r]	r, rr

Quadro 6: consoantes vibrantes, seus alofones e letras correspondentes em português e espanhol

O fonema /r/, vibrante múltipla do português, representado pela letra ‘r’ ou pelo dígrafo ‘rr’, ocorre em posição intervocálica, em início de palavra e seguindo consoante em outra sílaba. Não raras vezes é substituído por uma fricativa glotal surda ou sofre apagamento

³⁵ “En la pronunciación yeísta, la letra ll, que representa el fonema lateral palatal de llave, se articula con la misma pronunciación que la letra y, es decir, como el fonema palatal sonoro de yunque. De manera que la personas yeístas pronuncian igual halla y haya. Esto explica las dificultades que ofrece la escritura de las palabras que contienen alguna de estas letras” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999 , p. 23)

em final de sílaba antes de consoantes surdas e em final de palavra, sendo percebida na escrita, quando os alunos não a pronunciam, devido a esse processo de apagamento.

Em final de sílaba em meio de palavra ou em final de sílaba que coincide com final de palavra, encontra-se o arquifonema /R/. Esse fato também influencia o aluno, que a grande quantidade de variações do arquifonema interfere na produção escrita.

O fonema /r/ em espanhol é equivalente ao 'rr' ortográfico e ao 'r' simples e ocorre em posição intervocálica, em início de sílaba, tanto inicial como medial, e seguindo consoante em outra sílaba. Em posição intervocálica aparece normalmente como 'rr' na escrita e no demais posições como 'r'. O fonema /r/ em posição intervocálica se diferencia do fonema /r/ em posição intervocálica na escrita, pois o /r/ será representado por 'rr' e /r/ por 'r'. Nos demais casos, a posição revelará qual é o fonema adequado a ser posto. Essa situação fonológica esclarecida ajuda o aluno a diferenciar os fonemas do espanhol.

c) Tepe

A análise da consoante tepe segue abaixo.

TEPE						
Modo de articulação	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Tepe	/r/	[r]	r	/r/	[r]	r

Quadro 7: consoantes tepe, alofones e letras correspondentes em português e espanhol

O fonema /r/ apresenta-se de forma uniforme na fala do português e na ortografia é representado pela letra 'r'. Esse fonema ocorre em posição intervocálica e seguindo consoante na mesma sílaba.

O fonema /r/ do espanhol, que não apresenta variação na língua falada, representa-se na escrita pela letra 'r'. Ocorre em posição intervocálica, seguindo consoante na mesma sílaba e em posição final de sílaba seguido de consoante.

O que diferencia a realização em português do espanhol é que em espanhol o fonema /r/ também se realiza em posição final de sílaba seguido de consoante. Podem causar dúvidas

para o aluno brasileiro estudante de espanhol na produção oral, porém se revela na escrita menos complicado, pois são representados igualmente pela letra ‘r’.

Vale recordar que a letra ‘h’ está presente nos dois idiomas, podendo causar problemas para a escrita, de acordo com a Real Academia Espanhola esta letra pode causar dificuldades na escrita.

Esta letra, que pode preceder a todas as vogais, não apresenta hoje som algum em nosso idioma. Isso origina problemas ortográficos para distinguir que palavras tem de levar h e quais não; os problemas são maiores quando a grafia serve para distinguir significados, como nos homófonos ‘hojerar/ojear, honda;onda, hecho/echo, etc. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999, p. 20)³⁶

Devemos sempre observar essa falta de biunivocidade entre fala e a escrita.

4.3.1 Sistema vocálico da língua portuguesa e da língua espanhola

Faremos a exposição da fonologia versus ortografia da língua portuguesa e da língua espanhola. Nos quadros a seguir, apresentamos os fonemas vocálicos, a representação fonética e a representação ortográfica.

Parâmetros articulatorios	PORTUGUÊS								
	Anteriores			Central			Posteriores		
	Fonol	Fonét	Orto	Fonol	Fonét	Ortog	Fonol	Fonét	Ortog
Altas	/i/	[ĩ, i, j].	i, e	i			/u/	[u, ũ, w]	u, o
Media alta	/e/	[e, i, ĩ, I, ε]	e	e			/o/	[o, ũ, u, õ, u, o]	o
Media baixa	/ɛ/	[ɛ, I, i, e, ê]	e				/ɔ/	[ɔ, u, ũ, o, õ].	o
Baixa				a	[a, ə, ã].	a			

Quadro 8: Quadro contrastivo dos fonemas vocálicos, alofones e letras do Português.

³⁶ “Esta letra, que puede preceder a todas las vocales, no representa hoy sonido alguno en nuestro idioma. Esto origina problemas ortográficos para distinguir que palabras has de llevar h y cuáles no; los problemas son mayores cuando la grafia sirve para distinguir significados, como en los homófonos hojear/ojear, honda/onda, hecho/echo, etc.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1999, p. 20)

Em primeiro lugar, faremos a descrição dos fonemas vocálicos da língua portuguesa e posteriormente da língua espanhola.

Definiremos os fonemas vocálicos pelo sistema acentual. Podemos dizer que o sistema vocálico do português é composto por 7 fonemas: /i, e, ε, a, o, ɔ, u/. Esses fonemas são representados na ortografia pelas letras a, e, i, o e u.

A alofonia existentes nas vogais portuguesas será exposta no quadro fonético e conjuntamente a representação ortográfica.

O fonema /i/ apresenta como alofones os fonemas [i, j, ~i]. Esses alofones podem ser encontrados em variadas posições. A representação ortográfica do fonema vocálico /i/ é i. Não apresenta para os alunos brasileiros problemas para a ortografia do espanhol.

O fonema /e/ apresenta como alofones os fonemas [e, i, ~i, ɪ, ε]. Esses alofones são representados na ortografia pela letra ‘e’. Podendo acontecer a variação do fonema /e/ por [i] em espanhol na fala e na escrita.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
41. /libre/	[' libre]	libre/ <i>livre</i>	Livri
42. /kante/	[' kante]	cante/ <i>cante</i>	Canti

A variação de /e/ para [i] pode produzir erro na escrita tanto em português quanto em espanhol.

O fonema /ε/ apresenta como alofones os fonemas [ε, ɪ, i, e, ã]. Esse fonema é representado na escrita pela letra ‘e’. Pode ocorrer também a troca do /ε/ por [i] na enunciação, resvalando para a escrita em espanhol.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
43. /numero/	[' numero]	Numero/ <i>número</i>	Numiro

O fonema /a/ apresenta como alofones os sons [a, ɔ, ã]. A letra que representa este fonema é a letra ‘a’. Este fonema não apresenta problemas para a escrita.

O fonema /ɔ/ apresenta como alofones os fonemas [ɔ, u, o, õ, ã]. Esse fonema é representado pela letra ‘o’. Podemos observar que a escrita em espanhol pode registrar a alofonia de /ɔ/ por [u].

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
44. /epoka /	[' epoka]	epoca/época	Epuca
45. /paroko/	[' paroko]	paroco/pároco	Párocu

O fonema /o/ apresenta como alofones os fonemas [o, ã, u, õ, u, ɔ]. A ortografia representa este fonema com a letra ‘o’.

Fonológica	Fonética	Ortográfica	Erro ortográfico previsível ES
46. /sapo /	[' sapo]	sapo/sapo	Sapu
47. /ezodo/	[' ezodo]	exodo/êxodo	Exodu

O fonema /u/ apresenta como alofones os fonemas [u, u, ã]. Este fonema é representado na escrita pela letra ‘u’. A representação ortográfica do fonema vocálico /u/ é ‘u’.

O sistema vocálico do português possui variações que podem causar problemas quanto à questão ortográfica tanto na LM, quanto na LE. Vemos que os conflitos podem ser gerados quando /e/ e /ɛ/ podem ser realizados em português por [ɛ, ɪ, i, e, ê], como também o /o/ e /ɔ/ por [o, ã, u, õ, u, ɔ], tornando assim mais complicada a tarefa de escrever devido a essa quantidade de variações. Esse fato origina dúvidas na escrita da língua portuguesa e na da língua espanhola, pois os alunos transferem suas dúvidas do português para a aprendizagem de espanhol.

Explicitamos os fonemas vocálicos da língua espanhola, que são cinco /a, e, i, o, u/. As cinco vogais aparecem em modalidades distintas: /a/ média e os outros fonemas vocálicos /e, i, o, u/ são fechados. As vogais do sistema ortográfico também são cinco ‘a, e, i, o, u’.

Parâmetros articulatórios	ESPAÑHOL								
	Anteriores			Central			Posteriores		
	Fonol	Fonét	Orto	Fonol	Fonét	Ortog	Fonol	Fonét	Ortog
Altas	/i/	[i, j]	i, y				/u/	[u, w]	u
Media	/e/	[e, ε]	e				/o/	[o, ɔ]	o
Baixa				a	[a]	a			

Quadro 9: Quadro contrastivo dos fonemas vocálicos, alofones e letras do Espanhol.

O sistema vocálico espanhol é caracterizado por ter poucas modificações na pronúncia, facilitando assim a sua aprendizagem para estrangeiros. O fato das vogais se apresentarem em sua grande maioria sem variações subsidia a aprendizagem da ortografia das vogais, pois a fala constantemente refere-se à vogal que está escrita.

Essa situação de estabilidade na fala contribui para o processo de ensino-aprendizagem, facilitando o desenvolvimento das competências (produção oral e escrita e compreensão oral e escrita), haja vista a abertura das vogais /e, o/ nas seguintes situações: em contato com vibrante múltiple /r/, diante de /x/, em sílaba travada, nos ditongos ei, oi e em /o/ nas palavras *ahora* e *La ola*, não implica em mudança de significado, pois a variação não implica em distinção fonológica.

A fácil aprendizagem das vogais espanholas na escrita constitui-se um fator importante para a ocorrência de menor quantidade de erros, pois, como foi justificado anteriormente, a abertura das vogais não ocasiona mudança de sentido das palavras. No entanto, os fonemas /ε/ e /ɔ/ da língua portuguesa podem causar problemas na enunciação. Na escrita, as variações de /e, ε, o, ɔ/ podem causar problemas na escrita tanto em português, quanto em espanhol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar pelo ensino de línguas estrangeiras é uma escolha estimulante, pois conduz o professor e o aluno a descobrir novos conceitos, novas culturas, novos sons. Ao mesmo tempo, leva todos a reaprender a sua própria língua para enfrentar os intrincados caminhos do dito estrangeiro, o que vem de fora, o que não é próprio da nossa nação. Ao associar o que nos é próprio ao que vem do exterior, criamos uma expectativa de encontro/desencontro interminável, que nunca cessa, pois o aprendizado de idiomas oscila sempre entre o perfeito e o imperfeito, o correto e o incorreto, o certo e o errado, na infinita luta de ter a fluência do estrangeiro, daquilo que não nos é próprio, particular. É saber percorrer essas estradas, acertando o destino, distinguindo nas encruzilhadas os roteiros pretendidos é a grande busca do aluno e o grande desafio do professor. É levar o aluno a transpor os obstáculos, ficando ausente da sua pátria para poder absorver o mundo da língua-meta e ao mesmo tempo contrastar as línguas sem perder a sua própria identidade.

Todo este intróito foi para explicitar o quão profícuos são os estudos direcionados ao ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras. Incentivar os estudos relativos aos sistemas linguísticos é proporcionar a todos os envolvidos a diminuição das barreiras na aprendizagem da língua-meta. Por isso, desvelar os mitos referentes às insistentes dificuldades presentes nesse aprendizado pode ser o elemento diferenciador para o desenvolvimento do ensino de língua estrangeira. Para retirar o manto do desconhecimento, são necessárias atitudes, estudos, pesquisas científicas e, sobretudo, mudança de atitude frente aos paradigmas presentes na sala de aula.

Ao estabelecer o propósito desta pesquisa, procurávamos contrastar a língua portuguesa frente à língua espanhola para encontrar as semelhanças e as diferenças entre os sistemas fonético-fonológicos das duas línguas, português e espanhol, para identificar as dificuldades que se apresentam no cotidiano do professor e do aluno. Muito do objetivo traçado foi concretizado, porém muito mais foi revelado/desvelado nesta pesquisa além das fronteiras do objetivado.

Junto às descobertas atingidas, foram evidenciados muitos empecilhos à produção acadêmica, tanto na questão da produção escrita, como nas limitações impostas pelo sistema educacional que são impingidas aos educadores de línguas estrangeiras, especificamente. Podemos apresentar dentro deste panorama a ausência de bibliografia básica para aprendizagem de espanhol, nas escolas públicas, como também de um acervo bibliográfico no

âmbito acadêmico para investigação do objeto deste trabalho. No tocante à fonologia, encontramos uma resistência consciente tanto na aquisição das bibliografias, como também na produção, publicação e divulgação de pesquisas referentes aos estudos fonético-fonológicos e mais especificadamente, na produção de pesquisas relacionadas à língua portuguesa falada no Brasil.

Vale salientar que essas resistências presentes nas produções científicas são comuns nas falas dos professores brasileiros, tanto considerando o conteúdo de difícil acesso, como evidenciando total desinteresse pelo assunto. Essa realidade é tão plausível que observamos nos livros didáticos e nas gramáticas uma explanação superficial sobre os assuntos de fonética e fonologia. Não podemos precisar, a esse respeito, se a falta de interesse dos professores revela-se nas produções escritas ou se as produções escritas obnubilam a importância da fonologia para os professores.

Além dessas fronteiras a serem transpostas, existem as estruturais, que impossibilitam o desenvolvimento da aula propriamente dita. Várias questões estão implícitas nestas impossibilidades: sistema educacional defasado, com escolas depredadas, mal construídas, recursos mal aplicados e gestões engessadas pela burocracia institucional pública. Como consequência do pouco interesse dos gestores públicos, adicionado à falta de acompanhamento das instituições para o desenvolvimento de ações pedagógicas, temos professor mal remunerado sem incentivo para formação continuada ou desenvolvimento de pesquisas. Alguns dos contratemplos expostos pelos professores são o número excessivo de alunos em uma sala de aula, ausência de recursos audiovisuais e de livro didático para línguas estrangeiras, como também livros para consulta nas bibliotecas.

Para acrescentar mais impedimentos a todo esse aparato contraditório, impigem ao professor o fracasso da escola pública, ou podemos também pressupor através dessa fala outro dito comum, no que é “em escola pública ninguém aprende língua estrangeira”. Frente a esses problemas mostrados anteriormente, vemos uma língua estrangeira ser excluída, língua francesa, para ser substituída por outra, a língua espanhola, como se a oferta de línguas estrangeiras no currículo básico do aluno fosse tão somente uma decisão unilateral do momento político. Como resultado da implantação e implementação da língua espanhola em nível nacional, espera-se, até hoje, políticas para o ensino de espanhol que concretizem verdadeiramente o pleito do MERCOSUL, que é, através do intercâmbio sócio-político, econômico, linguístico e cultural, estabelecer o livre comércio entre os países latinos. Quer dizer, como podemos acreditar que o desenvolvimento das pesquisas possam resultar em uma contribuição real para a sala de aula se todo o restante propõe o contrário. Portanto, vamos

oferecer mais uma contribuição da pesquisa científica brasileira, que faz uma resistência consciente e positiva a favor da educação, do professor e das políticas públicas que valorizam o trabalho do professor frente às adversidades.

A contribuição que pode ser ofertada ao professor advindas do estudo contrastivo fonético-fonológico entre a língua portuguesa falada no Brasil e a língua espanhola são provenientes de estudos teóricos e empíricos sobre o ensino de línguas estrangeiras.

As conclusões dessa pesquisa são relevantes para o ensino de espanhol para brasileiros, pois confirmam algumas posturas teóricas já defendidas e refutam algumas elucubrações e mitos postos para o ensino de línguas próximas. Podemos também dizer que encontramos direções para esclarecer outros aspectos da língua espanhola mediante análise com a língua portuguesa.

Os resultados desta pesquisa são: i) a utilização da análise contrastiva favorece o aprendizado de línguas próximas, revelando a interferência da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira; ii) o mito de que a semelhança entre as línguas geneticamente relacionadas favorece a aprendizagem da LE é questionável; iii) o mito de que a aprendizagem de espanhol por brasileiros falantes do português é mais rápida devido ao fato de que as semelhanças fonológicas entre a língua espanhola e a língua portuguesa são muitas e as diferenças em quantidade inferior, facilitando assim a aprendizagem, é questionável;

Discutiremos estas questões separadamente.

Em primeiro lugar, existem já muitas pesquisas com embasamento na análise contrastiva que resultam em significativos resultados práticos em sala de aula. Alguns são expostos em publicações científicas esclarecendo as reais dificuldades que os alunos encontrarão na aprendizagem de línguas estrangeiras em especial no ensino/aprendizagem da língua espanhola para brasileiros. Podemos comprovar que o contraste das línguas favorece o esclarecimento, levando o professor/aluno a trafegar entre o conhecimento de sua própria língua e o da língua estrangeira, estabelecendo diferenciações e conexões com a língua pretendida. O que mais observamos é que as pesquisas não conseguem sair do meio acadêmico para chegar aos livros didáticos, diretamente nas mãos dos professores, e por conseqüência na mão dos alunos, verdadeiramente servindo de apoio para o ensino, haja vista ser essa a justificativa fomentadora de trabalhos na área de educação.

Vale a tentativa de introduzir nas publicações didáticas os resultados das pesquisas científicas, que ressaltem os contrastes entre a LM e a LE, pois já observamos que as publicações do meio acadêmico não chegam ao ambiente escolar. Além de tornar a produção de textos acadêmicos mais próximos, torná-los mais coerentes com a realidade de ensino

brasileira, principalmente a da escola pública, que pouco recebem livros relacionados à língua espanhola. Convém ressaltar que, as publicações são necessárias e ajudam tanto na perspectiva teórica quanto na produção de metodologias para o trabalho docente.

Outra questão exposta de forma propagandística é de que existe a facilidade de aprendizagem pela proximidade genética entre os idiomas, ou seja, línguas próximas exigem pouco tempo para aprender. Em contraponto a essa afirmação, vemos que muitos dos alunos em nível avançado continuam a trazer para a língua estrangeira traços iniciais de aprendizagem, pois mesmo sendo língua próxima o aluno não deveria incorrer em erros primários.

Onde está essa facilidade? Vemos, através dessa pesquisa, que os detalhes presentes tanto na fonologia da língua espanhola quanto na ortografia são dignos de estudos e de metodologia adequada para sua aprendizagem, pois o próximo não quer dizer igual. A produção dos esboços contrastivos vem justamente corroborar com essa afirmação, existem muitos traços distintos entre essas línguas no campo fonético-fonológico, o que podemos também inferir existir em outros conteúdos, ou seja, vale investigar contrastivamente a LM e a LE para poder emitir afirmações sobre o ensino de forma coerente e pautada cientificamente.

Então, podemos rever nossas falas sobre a facilidade existente nesta aprendizagem, para não causar uma falsa expectativa na comunidade escolar e fomentar falaciosamente textos incoerentes com uma proposta curricular de qualidade, tanto para a escola pública, quanto para as outras instituições de ensino.

Da mesma forma, questiona-se que o brasileiro, falante de português, tenha mais facilidade para aprender o espanhol, devido as suas semelhanças, os quais podem ser refutados pela análise fonológica dos sistemas lingüísticos desta pesquisa, pois a relação de proximidade entre as duas não implica em favorecimento, como também podemos dizer que as semelhanças favorecem o erro pela interferência da LM. Podemos justificar com semelhança de sons que são representados por letras diferentes nas duas línguas estudadas.

E quanto à afirmação de que as semelhanças entre o sistema fonológico da língua portuguesa e o sistema fonológico da língua espanhola apresentam-se em maior quantidade que as diferenças, facilitando a aprendizagem das competências lingüísticas pelo aluno brasileiro, observamos que as semelhanças têm os dois lados, pois ora facilita a aprendizagem, ora favorece incorreções por parte dos alunos.

Por isso, o estímulo aos estudos sobre o ensino de Espanhol na grade curricular do ensino médio nos induz a reformular teorias lingüísticas e a propor políticas lingüísticas para

encaminhar o processo de implantação das propostas políticas pedagógicas. Igualmente, direcionar as instituições educacionais a pensar sobre como administrar as exposições midiáticas com as reais probabilidades para esse novo elemento do sistema.

Cabe a nós professores acompanhar, conjecturar e imprimir nesta nova passagem do ensino de línguas um projeto social que revele os porquês desta realidade. Além disso, rever a prática pedagógica e mensurar até quando estamos fazendo parte de uma proposta ilusória, contribuindo para o arsenal de frases que desmerecem o ensino de língua espanhola, sobretudo porque as imagens criadas para o propósito de divulgação em massa vão bater a porta das salas de aulas, exigindo respostas plausíveis que deverão ser confirmadas ou refutadas pela postura que temos com agentes de transformação social.

Ademais, ensinar língua estrangeira é estar pronto para imergir nas diversidades linguísticas, culturais, sociais, etc. Por isso, não podemos deixar que se criem imagens falaciosas da língua/LE e seu ensino, pois atualmente vivemos um momento de grande euforia no Brasil em relação ao ensino de Língua Espanhola, desde que a finalização do prazo da lei 11.161/2005 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que obriga a oferta da Língua Espanhola no ensino médio em escolas públicas e particulares em um prazo de cinco anos. Com este reforço jurídico, nós, professores, podemos reivindicar a presença deste idioma na grade curricular escolar de forma coerente e decente.

Cabe a nós verificarmos a implantação e a implementação dessa lei, fiscalizando as adversidades que surgiram e surgirão ao longo desse processo, incentivando as formações, solicitando acompanhamento metodológico, estimulando a aquisição de bons livros didáticos e literários em Língua Espanhola, igualmente, proporcionando momentos culturais de países hispânicos.

Essa é mais uma oportunidade de incentivar o povo brasileiro a conhecer as tradições, os costumes e as crenças de nossos irmãos latinos, visto que somos vizinhos desta realidade. Faz-se necessário utilizar esta proximidade para contemplar as diferentes visões de mundo, as concepções sociais, econômicas e políticas. Também, visto esta língua ser do ramo indo-europeu, irmã da Língua Portuguesa, é preciso estabelecer relações comerciais com mais facilidade, ou seja, inclusão linguística e social.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, R. C. *El español a través de los tiempos*. Madri: Arco/Libros, 1997.
- BAGNO, M. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUC-RS, 1996.
- BOHN, H. I. & VANDRESEN, P. (Orgs). *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1988, pp.75-93.
- CACHERO-LASECA, A.M. *La enseñanza del español en el sistema educativo brasileño o ensino do español no sistema educativo brasileiro*. Brasília: Thesaurus, 2008.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. Campinas, Edição do autor, 2002.
- CALLOU, Dinah & Leite, Yonne. *Iniciação a fonética e á fonologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- CARDOSO, J. H. da C. *A nativização de termos de informática do inglês no português brasileiro uma análise fonológica*. Maceió: UFAL, 2005.
- CUNHA, C & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DURÃO, A. B. (Org.). *Lingüística contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Ed. Moriá, 2004.
- FREITAS, M. A. e NOBRE, M. *Análise de erros na produção oral de hispanofalantes aprendizes de português como LE*. In: DURÃO, A.B. *Lingüística Contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004.

GUILLEMAS, R. R. *La lingüística contrastiva em el aula de español lengua extranjera* In: DURÃO, A.B. *Lingüística Contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004.

HALLE, M. *Conceitos básicos de fonologia. Novas perspectivas*. Petrópolis, LEMLE & LEITE (ed). Ed. Vozes, 1970.

LADO, R. *Lingüística contrastiva: lenguas y culturas*. Madri, Ed. Alcalá, 1973.

LYONS, J. *Introdução a Lingüística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

LLORACH, E. A. *Fonologia Española*. Madri, Gredos, 1981.

MASIP, Vicente. *Fonologia y ortografía españolas: curso integrado para brasileños*. Recife, Bagaço, 2001.

MIRANDA, J. A. *España y América: tres ensayos de lengua y literatura*. Recife: Bagaço, 2007.

MORI, A. C. *Fonologia*. In MUSSALIIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Lingüística: domínios e Fronteiras*, v.1 3 ed. São Paulo, Cortez, 2003.

MOSTERÍN, J. *La Ortografía Fonêmica del Español*. Madri, Alianza Editorial, 1981.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MEDIO. 2006.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Ortografía de la lengua espanhola*. Madri, Espasa, 1999.

SANTOS. *Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas, 1996.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1972.

SILVA, T. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo, Contexto, 2005.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins fontes, 2007. Trad. Celso Cunha.

TOMAS, T. N. *Manual de pronunciación española*. Madri, grafipen, 1989.

Portal oficial do mercosul. Disponível em 18/02/2009:
[HTTP://WWW.MERCOSUR.INT/MSWEB/PORTAL%20INTERMEDIARIO/PT/INDEX.HTM](http://www.mercosur.int/msweb/portal%20intermediario/pt/index.htm).

IBGE. Disponível em: 18/03/2009:
[HTTP://WWW.IBGE.GOV.BR/HOME/ESTATISTICA/POPULACAO/CONTAGEM2007/CONTAGEM_FINAL/TABELA1_1.PDF](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem_final/tabela1_1.pdf)